

As Ex.^{as} de Concellhos

J. M. Latino Coelho,

offerece,

como uma homenagem de admiração,

Machado de Brito

PHALENAS

Paris. — Typ. de Ad. Lainé, rua dos Santos-Padres, 49.

PHALENAS

POR

MACHADO DE ASSIS

VARIA. — LYRA CHINEZA.

UMA ODE DE ANACREONTE.

PALLIDA ELVIRA.

Gabinete de Lectura Portuguesa
— DE —

JOÃO D'PAUJO MORAES, L.^o

— 40, R. Assunção, 51 —

LISBOA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR, RUA DO OUVIDOR, 69.

PARIS

E. BELHATTE, LIVREIRO, RUA DE L'ABBAYE, 14.

INDICE.

VARIA :

Preludio	11
Ruinias.....	15
Musa dos olhos verdes.....	19
La marchesa de Miramar.....	21
Sombras.....	27
Quando ella falla.....	29
Visão	31
Manhã de inverno.....	35
Ita missa est.....	39
Flôr da mocidade.....	43
Noivado.....	45
Menina e moça.....	49
A Elvira.....	53
Lgrimas de cêra.....	57
No espaço.....	59
Os deoses da Grecia.....	65
Livros e flôres	73
Passaros.....	75

Cegonhas e rodovalhos.....	79
A um legista.....	85
O verme.....	89
Estancias a Emma.....	91
Un vieux pays.....	101
A morte de Ophelia.....	103
Luz entre sombras.....	107

LYRA CHINEZA :

I. Coração triste fallando ao sol.....	111
II. A folha do salgueiro.....	113
III. O poeta a rir.....	115
IV. A uma mulher.....	117
V. O imperador.....	119
VI. O leque.....	121
VII. As flóres e os pinheiros.....	123
VIII. Reflexos.....	125
UMA ODE DE ANACREONTE.....	127
PALLIDA ELVIRA.....	167

Labouring up.

Tennyson.

VARIA

PRELUDIO

... land of dreams.

... land of song.

LONGFELLOW.

Lembra-te a ingenua moça, imagem da poesia,
Que a André Roswein amou, e que implorava um dia,
Como infallivel cura á sua mágoa estranha,
Uma simples jornada ás terras da Allemanha
O poeta é assim : tem, para a dôr e o tédio,
Um refugio tranquillo, um suave remedio

És tu, casta poesia, ó terra pura e santa !
Quando a alma padece, a lyra exhorta e canta ;
E a musa que, sorrindo, os seus balsamos verte,
Cada lagrima nossa em perola converte.

Longe d'aquelle asylo, o espirito se abate ;
A existencia parece um frivolo combate,
Um eterno ancian por bens que o tempo leva,
Flôr que resvala ao mar, luz que se esvai na treva,
Pelejas sem ardor, victorias sem conquista !
Mas, quando o nosso olhar os páramos avista,
Onde o peito respira o ar sereno e agreste,
Transforma-se o viver. Então, á voz celeste,
Acalma-se a tristeza ; a dôr se abranda e cala ;
Canta a alma e suspira ; o amor vem resgatal-a ;
O amor, gotta de luz do olhar de Deos cahida,
Rosa branca do céo, perfume, alento, vida.
Palpita o coração já crente, já desperto ;
Povôa-se n'um dia o que era agro deserto ;
Falla dentro de nós uma boca invisivel ;
Esquecc-se o real e palpa-se o impossivel.
A outra terra era má, o meu paiz é este ;
Este o meu céo azul.

Se um dia padeceste
Aquella dôr profunda, aquelle ancian sem termo

Que leva o tédio e a morte ao coração enfermo ;
Se queres mão que enxugue as lagrimas austeras,
Se te apraz ir viver de eternas primaveras,
O' alma de poeta, ó alma de harmonia,
Volve ás terras da musa, ás terras da poesia !

Tens, para atravessar a azul immensidade,
Duas azas do céo : a esperança e a saudade.
Uma vem do passado, outra cahe do futuro ;
Com ellas vôa a alma e paira no ether puro,
Com ellas vai curar a sua mágoa estranha.

A terra da poesia é a nossa Allemanha.

RUINAS

No hay pájaros en los nidos de antaño.

PROVERBIO HESPAÑOL.

Cobrem plantas sem flôr crestados muros ;
Rangê a portã anciã ; o chãõ de pedra
Gemer parece aos pés do inquieto vate.
Ruina é tudo : a casa, a escada, o horto,
Sitios caros da infancia.

Austera moça

Junto ao velho portão o vate aguarda ;
Pendem-lhe as tranças soltas
Por sobre as rôxas vestes.

Risos não tem, e em seu magoado gesto
Transluz não sei que dôr occulta aos olhos ;
— Dôr que á face não vem, — medrosa e casta,
Intima e funda ; — e dos cerrados cilios
Se uma discreta e muda

Lagrima cahe, não murcha a flôr do rosto ;
Melancolia tacita e serena,
Que os échos não acorda em seus queixumes,
Respira aquelle rosto. A mão lhe estende
O abatido poeta. Eil-os percorrem
Com tardo passo os relembrados sitios,
Ermos depois que a mão da fria morte
Tantas almas colhêra. Desmaiavão,
Nos serros do poente,
As rosas do crepusculo.

« Quem és? pergunta o vate ; o sol que foge
« No teu languido olhar um raio deixa ;
« — Raio quebrado e frio ; — o vento agita
« Timido e frouxo as tuas longas tranças.
« Conhecem-te estas pedras ; das ruinas
« Alma errante pareces condemnada
« A contemplar teus insepultos ossos.

« Conhecem-te estas arvores. E eu mesmo
« Sinto não sei que vaga e amortecida
« Lembrança de teu rosto. »

Desceu de todo a noite,
Pelo espaço arrastando o manto escuro
Que a loura Vesper nos seus hombros castos,
Como um diamante, prende. Longas horas
Silenciosas corrêrão. No outro dia,
Quando as vermelhas rosas do oriente
Ao já proximo sol a estrada ornavão,
Das ruinas sahião lentamente
Duas pallidas sombras :
O poeta e a saudade.

MUSA DOS OLHOS VERDES

Musa dos olhos verdes, musa alada,
O' divina esperança,
Consolo do ancião no extremo alento,
E sonho da criança ;

Tu que junto do berço o infante cinges
C'os fulgidos cabellos ;
Tu que transformas em dourados sonhos
Sombrios pesadelos ;

Tu que fazes pulsar o seio ás virgens ;
Tu que ás mãis carinhosas
Enches o brando, tepido regaço
Com delicadas rosas ;

Casta filha do céo, virgem formosa
Do eterno devaneio,
Sê minha amante, os beijos meus recebe,
Acolhe-me em teu seio !

Já cansada de encher languidas flôres
Com as lagrimas frias,
A noite vê surgir do oriente a aurora
Dourando as serranias.

Azas batendo á luz que as trevas rompe,
Pião nocturnas aves,
E a floresta interrompe alegremente
Os seus silencios graves.

Dentro de mim, a noite escura e fria
Melancolica chora ;
Rompe estas sombras que o meu ser povôão ;
Musa, sê tu a aurora !

LA MARCHESA DE MIRAMAR

A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ululando.

GARÇÃO.

De quanto sonho um dia povoaste
A mente ambiciosa,
Que te resta? Uma pagina sombria,
A escura noite e um tumulto recente.

Ó abysmo! Ó fortuna! Um dia apenas
Vio erguer, vio cahir teu fragil throno.

,

Meteoro do seculo, passaste,
Ó triste imperio, allumiando as sombras.
A noite foi teu berço e teu sepulcro.
Da tua morte os goivos inda acharão
Fuscas as rosas dos teus breves dias;
E nq livro da historia uma só folha
A tua vida conta : sangue e lagrimas.

No tranquillo castello,
Ninho d'amor, asylo de esperanças,
A mão de aurea fortuna preparára,
Menina e moça, um tumulo aos teus dias.

Junto do amado esposo,
Outra c'rôa cingias mais segura,
A corôa do amor, dadiva santa
Das mãos de Deos. No céo de tua vida
Uma nuvem sequer não sombreava
A esplendida manhã; estranhos erão

Ao recatado asylo
Os rumores do seculo.

Estendia-se
Em frente o largo mar, tranquilla face
Como a da consciencia alheia ao crime,
E o céo, cupula azul do equoreo leito.
Alli, quando ao cahir da amena tarde,

No thalamo encantado do occidente,
O vento melancolico gemia,
 E a onda murmurando,
Nas convulsões do amor beija a areia,
Ias tu junto d'elle, as mãos travadas,
 Os olhos confundidos,
Correr as brandas, somnolentas aguas,
Na gondola discreta. Amenas flôres
 Com suas mãos tecião
As namoradas Horas; vinha a noite,
Mãi de amores, solícita descendo,
Que em seu regaço a todos envolvia,
O mar, o céu, a terra, o lenho e os noivos.

Mas além, muito além do céu fechado,
O sombrio destino, contemplando
A par do teu amor, a etherea vida,
As santas effusões das noites bellas,
O terrivel scenario preparava
 A mais terriveis lances.

Então surge dos thronos
A prophetica voz que annunciava
Ao teu credulo esposo :

« Tu serás rei, Macbeth! » Ao longe, ao longe,
No fundo do oceano, envolto em nevoas,
Salpicado de sangue, ergue-se um throno.
Chamão-no a elle as vozes do destino.
Da tranquillã mansão ao novo imperio
Cobrem flôres a estrada, — estereis flôres
Que mal podem cobrir o horror da morte.
Tu vais, tu vais tambem, victima infausta;
O sopro da ambição fechou teus olhos....

Ah! quão melhor te fôra

No meio d'essas aguas

Que a regia não cortava, conduzindo
Os destinos de um rei, achar a morte :
A mesma onda os dous envolveria.
Uma só convulsão ás duas almas
O vinculo quebrára, e ambas irião,
Como raios partidos de uma estrella,
Á eterna luz juntar-se.

Mas o destino, alçando a mão sombria,
Já traçara nas paginas da historia
O terrivel mysterio. A liberdade
Vela n'aquelle dia a ingenua fronte.
Pejão nuvens de fogo o céu profundo.
Orvalha sangue a noite mexicana....

Viuva e moça, agora em vão procuras
No teu placido asylo o extincto esposo.
Interrogas em vão o céo e as aguas.
Apenas surge ensanguentada sombra
Nos teus sonhos de lóuca, e um grito apenas,
Um soluço profundo reboando
Pela noite do espirito, parece
Os échos acordar da mocidade.
No entanto, a natureza alegre e viva,
Ostenta o mesmo rosto.

Dissipão-se ambições, imperios morrem.
Passão os homens como pó que o vento
Do chão levanta ou sombras fugitivas.
Transformão-se em ruina o templo e' a choça.
Só tu, só tu, eterna natureza,
Immutavel, tranquillá,
Como rochedo em meio do oceano,
Vês baquear os seculos.

Sussurra

Pelas ribas do mar a mesma briza;
O céo é sempre azul, as aguas mansas;
Deita-se ainda a tarde vaporosa
No leito do occidente;
Ornã o campo as mesmas flôres bellas...
Mas em teu coração magoado e triste,

Pobre Carlota! o intenso desespero
Enche de intenso horror o horror da morte.
Viuva da razão, nem já te cabe
A illusão da esperança.
Feliz, feliz, ao menos, se te resta,
Nos macerados olhos,
O derradeiro bem : — algumas lagrimas!

SOMBRAS

Que tienes ? que estás pensando
Gloria de mi pensamiento ?

CERVANTES.

Quando, assentada á noite, a tua fronte inclinas,
E cerras descuidada as palpebras divinas,
E deixas no regaço as tuas mãos cahir,
E escutas sem fallar, e sonhas sem dormir,
Acaso uma lembrança, um écho do passado,
Em teu seio revive?

O tumulto fechado

Da ventura que foi, do tempo que fugio,
Por que razão, mimosa, a tua mão o abriu?
Com que flôr, com que espinho, a importuna memoria
Do teu passado escreve a mysteriosa historia?
Que espectro ou que visão resurge aos olhos teus?
Vem das trevas do mal ou cahe das mãos de Deos?
É saudade ou remorso? é desejo ou martyrio?

Quando em obscuro templo a fraca luz de um cirio
Apenas alumia a nave e o grande altar
E deixa todo o resto em treva, — e o nosso olhar
Cuida ver resurgindo, ao longe, d'entre as portas,
As sombras immortaes das creaturas mortas,
Palpita o coração de assombro e de terror ;
O medo augmenta o mal. Mas a cruz do Senhor,
Que a luz do cirio innunda, os nossos olhos chama ;
O animo esclarece aquella eterna chamma ;
Ajoelha-se contrito, e murmura-se então
A palavra de Deos, a divina oração.

Pejão sombras, bem vês, a escuridão do templo ;
Volve os olhos á luz, imita aquelle exemplo ;
Corre sobre o passado impenetravel véo ;
Olha para o futuro e vem lançar-te ao céo.

QUANDO ELLA FALLA

She speaks
O speake again, bright angel !

SHAKESP.

Quando ella falla , parece
Que a voz da briza se cala ;
Talvez um anjo emmudece
Quando ella falla.

Meu coração dolcrido
As suas mágoas exhala,

E volta ao gozo perdido
Quando ella falla.

Pudeste eu eternamente ,
Ao lado d'ella , escutal-a ,
Ouvir sua alma innocente
Quando ella falla.

Minh'alma , já semi-morta ,
Conseguíra ao céo alçal-a ,
Porque o céo abre uma porta
Quando ella falla.

VISÃO

A LUIZ DE ALVARENGA PEIXOTO.

Vi de um lado o Calvario, e do outro lado
O Capitolio, o templo-cidadella.
E torvo mar entre ambos agitado,
Como se agita o mar n'uma procella.

Pousou no Capitolio uma aguia; vinha
Cansada de voar.

Cheia de sangue as longas azas tinha ;
Pousou ; quiz descansar.

Era a aguia romana , a aguia de Quirino ;
A mesma que , arrancando as chaves ao destino ,
As portas do futuro abrio de par em par.
A mesma que , deixando o ninho aspero e rude ,
Fez do templo da força o templo da virtude ,
E lançou , como emblema , a espada sobre o altar.

Então , como se um deos lhe habitasse as entranhas ,
A victoria empolgou , venceu raças estranhas ,
Fez de varias nações um só dominio seu.
Era-lhe o grito agudo um tremendo rebate.
Se cahia , perdendo acaso um só combate ,
Punha as azas no chão e remontava Anteo.

Vezes tres , respirando a morte , o sangue , o estrago ,
Sahio , lutou , cahio , ergueu-se... e jaz Cartago ;
É ruina ; é memoria ; é tumulo. Transpõe ,
Impetuosa e audaz , os valles e as montanhas.
Lança a ferrea cadeia ao collo das Hespanhas.
Gallia vence ; e o grilhão a toda Italia põe.

Terras d'Asia invadio , aguas bebeu do Euphrates ,

Nem tu mesma fugiste á sorte dos combates,
Grecia, mãe do saber. Mas que póde o oppressor,
Quando o genio sorrio no berço de uma serva?
Pallas despe a couraça e veste de Minerva;
Faz-se mestra a captiva; abre escola ao senhor.

Agora, já cansada e respirando a custo,
Desce; vem repousar no monumento augusto.
Gottejão-lhe inda sangue as azas colossaes.
A sombra do terror assoma-lhe á pupilla.
Vem tocada das mãos de Cesar e de Sylla.
Vê quebrar-se-lhe a força aos vinculos mortaes.

D'um lado e de outro lado, azulão-se
Os vastos horizontes;
Vida resurge esplendida
Por toda a criação.
Luz nova, luz magnifica
Os valles enche e os montes....
E além, sobre o Calvario,
Que assombro! que visão!

Fitei o olhar. Do pincaro
Da colossal montanha
Surge uma pomba, e placida

Azas no espaço abrio.
Os ares rompe, embebe-se
No ether de luz estranha :
Olha-a minha alma attonita
Dos céos a que subio.

Emblema audaz e lugubre,
Da força e do combate,
A aguia no Capitolio
As azas abateu.
Mas vôa a pomba, symbolo
Do amor e do resgate,
Santo e apertado vinculo
Que a terra prende ao céo.

Depois... Ás mãos de barbaros,
Na terra em que nascêra,
Após sangrentos seculos,
A aguia expirou; e então
Desceu a pomba candida
Que marca a nova éra,
Pousou no Capitolio,
Já berço, já christão.

MANHÃ DE INVERNO

Coroadada de nevoas , surge a aurora
Por detrás das montanhas do oriente;
Vê-se um resto de somno e de preguiça ,
Nos olhos da fantastica indolente.

Nevoas enchem de um lado e de outro os morros
Tristes como sinceras sepulturas ,

Essas que têm por simples ornamento
Puras capellas, lagrimas mais puras.

A custo rompe o sol; a custo invade
O espaço todo branco; e a luz brilhante
Fulge através do espesso nevoeiro,
Como através de um véo fulge o diamante.

Vento frio, mas brando, agita as folhas
Das lorangeiras humidas da chuva;
Erma de flôres, curva a planta o collo,
E o chão recebe o pranto da viuva.

Gelo não cobre o dorso das montanhas,
Nem enche as folhas tremulas a nève;
Galhardo moço, o inverno d'este clima
Na verde palma a sua historia escreve.

Pouco a pouco, dissipão-se no espaço
As nevoas da manhã; já pelos montes
Vão subindo as que encheráõ todo o valle;
Já se vão descobrindo os horizontes.

Sobe de todo o panno; eis apparece
. . Da natureza o esplendido scenario;

Tudo alli preparou co' os sabios olhos
A suprema sciencia do empresario.

Canta a orchestra dos passaros no matto
A symphonia alpestre, — a voz serena
Acorda os échos timidos do valle;
E a divina comedia invade a scena.

ITE MISSA EST

Fecha o missal do amor e a benção lança
 Á pia multidão
Dos teus sonhos de moço e de criança;
 A benção do perdão.
Sôa a hora fatal, — reza contrito
 As palavras do rito :
 Ite missa est.

Foi longo o sacrificio ; o teu joelho
De curvar-se cansou ;
E acaso sobre as folhas do Evangelho
A tua alma chorou.
Ninguem vio essas lagrimas (ai tantas !)
Cahir nas folhas santas.
Ite missa est.

De olhos fitos no céo rezaste o credo,
O credo do teu deos ;
Oração que devia, ou tarde ou cedo,
Travar nos labios teus.
Palavra que se esvai qual fumo escasso
E some-se no espaço.
Ite missa est.

Votaste ao céo, nas tuas mãos alçada,
A hostia do perdão,
A victima divina..... e profanada
Que chamas coração.
Quasi inteiras perdeste a alma e a vida
Na hostia consumida.
Ite missa est.

Pobre servo do altar de um deos esquivo

É tarde; beija a cruz;
Na lampada em que ardia o fogo activo,
Vê, já se extingue a luz.
Cubra-te agora o rosto macilento
O véo do esquecimento.
Ite missa est.

Foi longo o sacrificio; o teu joelho
De curvar-se cansou;
E acaso sobre as folhas do Evangelho
A tua alma chorou.
Ninguem vio essas lagrimas (ai tantas!)
Cahir nas folhas santas.
Ite missa est.

De olhos fitos no céo rezaste o credo,
O credo do teu deos;
Oração que devia, ou tarde ou cedo,
Travar nos labios teus.
Palavra que se esvai qual fumo escasso
E some-se no espaço.
Ite missa est.

Votaste ao céo, nas tuas mãos alçada,
A hostia do perdão,
A victima divina..... e profanada
Que chamas coração.
Quasi inteiras perdeste a alma e a vida
Na hostia consumida.
Ite missa est.

Pobre servo do altar de um deos esquivo

É tarde; beija a cruz;
Na lampada em que ardia o fogo activo,
Vê, já se extingue a luz.
Cubra-te agora o rosto macilento
O véo do esquecimento.
Ite missa est.

FLOR DA MOCIDADE

Eu conheço a mais bella flôr;
És tu, rosa da mocidade,
Nascida, aberta para o amor.
Eu conheço a mais bella flôr.
Tem do céu a serena côr,
E o perfume da virgindade.
Eu conheço a mais bella flôr,
És tu, rosa da mocidade.

Vive ás vezes na solidão,
Coma filha da briza agreste.
Teme acaso indiscreta mão;
Vive ás vezes na solidão.
Poupa a raiva do furacão
Suas folhas de azul celeste.
Vive ás vezes na solidão,
Como filha da briza agreste.

Colhe-se antes que venha o mal,
Colhe-se antes que chegue o inverno;
Que a flôr morta já nada val.
Colhe-se antes que venha o mal.
Quando a terra é mais jovial
Todo o bem nos parece eterno.
Colhe-se antes que venha o mal,
Colhe-se antes que chegue o inverno.

NOIVADO

Vês, querida, o horizonte ardendo em chammas?
Além d'esses outeiros
Vai descambando o sol, e á terra envia
Os raios derradeiros;
A tarde, como noiva que enrubece,
Traz no rosto um véo molle e transparente;
No fundo azul a estrella do poente
Já tímida apparece.

Como um bafo suavissimo da noite,
Vem sussurrando o vento
As arvores agita e imprime ás folhas
O beijo somnolento.
A flôr ageita o calix : cedo espera
O orvalho, e emtanto exhala o doce aroma ;
Do leito do oriente a noite assoma
Como uma sombra austera.

Vem tu, agora, ó filha de meus sonhos,
Vem, minha flôr querida ;
Vem contemplar o céo, pagina santa
Que amor a ler convida ;
Da tua solidão rompe as cadeias ;
Desce do teu sombrio e mudo asylo ;
Encontrarás aqui o amor tranquillo.....
Que esperas? que receias?

Olha o templo de Deos, pomposo e grande ;
Lá do horizonte opposto
A lua, como lampada, já surge
A alumiar teu rosto ;
Os cirios vão arder no altar sagrado,
Estrellinhas do céo que um anjo acende ;

Olha como de balsamos rescende
A c'róa do noivado.

Irão buscar-te em meio do caminho
As minhas esperanças;
E voltaráõ contigo, entrelaçadas
Nas tuas longas tranças;
No emtanto eu preparei teu leito ás sombra
Do limoeiro em flôr; colhi contente
Folhas com que alastrei o solo ardente
De verde e molle alfombra.

Pelas ondas do tempo arrebatados,
Até á morte iremos,
Soltos ao longo do baixel da vida
Os esquecidos remos.
Calmos, entre o fragor da tempestade,
Gozaremos o bem que amor encerra;
Passaremos assim do sol da terra
Ao sol da eternidade.

MENINA E MOÇA

A ERNESTO CYBRÃO.

Está n'aquella idade inquieta e duvidosa,
Que não é dia claro e é já o alvorecer;
Entre-aberto botão, entre-fechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

Às vezes recatada, outras estouvadinha,
Casa no mesmo gesto a loucura e o pudor;

Tem cousas de criança e modos de mocinha,
Estuda o catechismo e lê versos de amor.

Outras vezes valsando, e seio lhe palpita,
De cansaço talvez, talvez de commoção.
Quando a boca vermelha os labios abre e agita,
Não sei se pede um beijo ou faz uma oração.

Outras vezes beijando a boneca enfeitada,
Olha furtivamente o primo que sorri;
E se corre parece, á briza enamorada,
Abrir azas de um anjo e tranças de uma huri.

Quando a sala atravessa, é raro que não lance
Os olhos para o espelho; e raro que ao deitar
Não leia, um quarto de hora, as folhas de um romance
Em que a dama conjugue o eterno verbo amar.

Tem na alcova em que dorme, e descansa de dia,
A cama da boneca ao pé do toucador;
Quando sonha, repete, em santa companhia,
Os livros do collegio e o nome de um doutor.

Alegra-se em ouvindo os compassos da orchestra;
E quando entra n'um baile, é já dama do tom;

Compensa-lhe a modista os enfados da mestra;
Tem respeito á Geslin, mas adora a Dazon.

Dos cuidados da vida o mais tristonho e acerbo
Para ella é o estudo, exceptuando talvez
A lição de syntaxe em que combina o verbo
To love, mas sorrindo ao professor de inglez.

Quantas vezes, porém, fitando o olhar no espaço,
Parece acompanhar uma etherea visão;
Quantas cruzando ao seio o delicado braço
Comprime as pulsações do inquieto coração!

Ah! se n'esse momento hallucinado, fôres
Cahir-lhe aos pés, confiar-lhe uma esperança vã,
Has de vêl-a zombar dos teus tristes amores,
Rir da tua aventura e contal-a á mamã.

É que esta creatura, adoravel, divina,
Nem se póde explicar, nem se póde entender :
Procura-se a mulher e encontra-se a menina,
Quer-se ver a menina e encontra-se a mulher!

A ELVIRA

(LAMARTINE).

Quando, contigo a sós, as mãos unidas,
Tu, pensativa e muda; e eu, namorado,
Às volupias do amor a alma entregando,
Deixo correr as horas fugidias ;
Ou quando ás solidões de umbrosa selva
Comigo te arrebató ; ou quando escuto

— Tão só eu, — teus ternísimos suspiros;

E de meus lábios solto

Eternas juras de constancia eterna;

Ou quando, enfim, tua adorada frente

Nos meus joelhos tremulos descansa,

E eu suspendo meus olhos em teus olhós,

Como ás folhas da rosa avida abelha;

Ai, quanta vez então dentro em meu peito

Vago terror penetra, como um raio!

Empallideço, tremo;

E no seio da gloria em que me exalto,

Lágrimas verto que a minha alma assombrão!

Tu, carinhosa e tremula,

Nos teus braços me cinges, — e assustada,

Interrogando em vão, comigo choras!

« Que dôr secreta o coração te opprime? »

Dizes tu, « Vem, confia os teus pezares....

« Falla! eu abrandarei as penas tuas!

« Falla! eu consolarei tua alma afflicta! »

Vida do meu viver, não me interrogues!

Quando enlaçado em teus niveos braços

A confissão de amor te ouço, e levanto

Languidos olhos para ver teu rosto,

Mais ditoso mortal o céu não cobre!

Se eu tremo, é porque n'essas esquecidas
Afortunadas horas,
Não sei que voz do enleio me desperta,
E me persegue e lembra
Que a ventura co' o tempo se esvaece,
E o nosso amor é facho que se extingue !
De um lance, espavorida,
Minha alma vôa ás sombras do futuro,
E eu penso então : « Ventura que se acaba
Um sonho vale apenas. »

LAGRIMAS DE CÊRA

Passou; vio a porta aberta.
Entrou; queria rezar.
A vela ardia no altar.
A igreja estava deserta.

Ajoelhou-se defronte
Para fazer a oração;

Curvou a pallida fronte
E pôz os olhos no chão.

Vinha tremula e sentida.
Commettêra um erro. A Cruz
É a ancora da vida,
A esperança, a força, a luz.

Que rezou? Não sei. Benzeu-se
Rapidamente. Ajustou
O véo de rendas. Ergueu-se
E á pia se encaminhou.

Da vela benta que ardêra,
Como tranquillo fanal,
Umás lagrimas de cêra
Cahião no castiçal.

Ella porém não vertia
Uma lagrima sequer.
Tinha a fé, — a chamma a arder, —
Chorar é que não podia.

NO ESPAÇO

Il n'y a qu'une sorte d'amour, mais
il y en a mille différentes copies.

LA ROCHEFOUCAULD.

Rompendo o ultimo laço
Que ainda á terra as prendia,
Encontrarão-se no espaço
Duas almas. Parecia
Que o destino as convocára

Para aquella mesma hora;
E livres, livres agora,
Correm a estrada do céu,
Vão ver a divina face :
Uma era a de Lovelace,
Era a outra a de Romeo.

Voavão... porém, voando
Fallavão ambas. E o céu
Ia as vozes escutando
Das duas almas. Romeo
De Lovelace indagava
Que fizera n'esta vida
E que saudades levava.

« Eu amei... mas quantas, quantas,
E como, e como não sei ;
Não seria o amor mais puro,
Mas o certo é que as amei.
Se era tão fundo e tão vasto
O meu pobre coração!
Cada dia era uma gloria,
Cada hora uma paixão.
Amei todas; e na historia
Dos amores que senti

Nenhuma d'aquellas bellas
Deixou de escrever por si.

« Nem a patricia de Helena,
De verde myrtho c'roadada,
Nascida como açucena
Pelos zephyros beijada,
Aos brandos raios da lua,
Á voz das nymphas do mar,
Trança loura, espadua nua,
Calma fronte e calmo olhar.

« Nem a belleza latina,
Nervosa, ardente, robusta,
Levantando a voz augusta
Pela margem peregrina,
Onde do écho em seus lamentos,
Por virtude soberana,
Repete a todos os ventos
A nota virgiliana.

« Nem a doce, aerea Ingleza,
Que os ventos frios do norte
Fizerão fria de morte,
Mas divina de belleza.

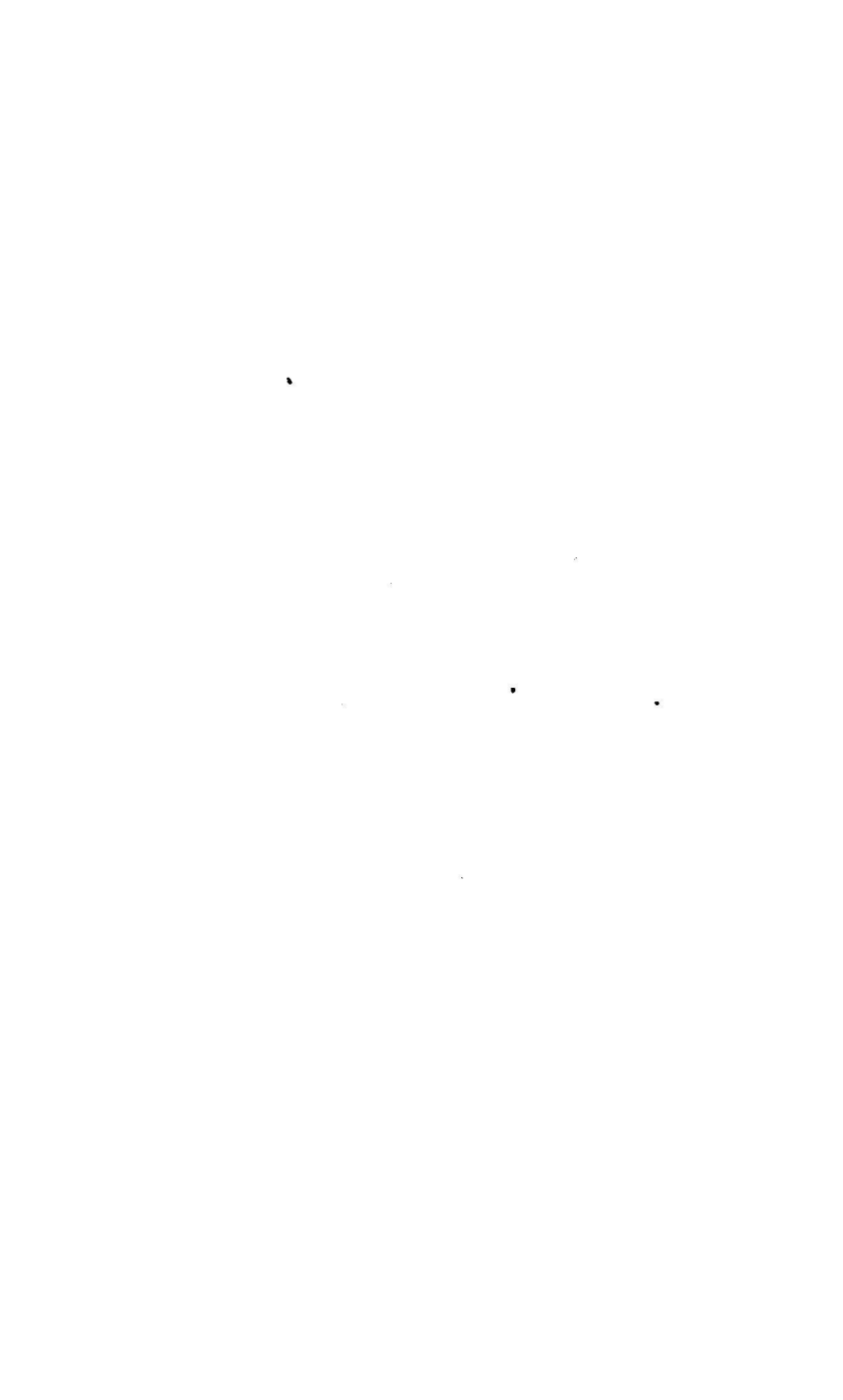
« Nem a ardente Castelhana,
Córada ao sol de Madrid,
Belleza tão soberana,
Tão despotica no amor,
Que troca os trophéos de um Cid
Pelo olhar de um trovador.

« Nem a virgem pensativa
Que as margens do velho Rheno,
Como a pura sensitiva
Vive das auras do céo
E murcha ao mais leve aceno
De mãos humanas; tão pura
Como aquella Margarida
Que a Fausto um dia encontrou.

« E muitas mais, e amei todas,
Todas minha alma encerrou.
Foi essa a minha virtude,
Era esse o meu condão.
Que importava a latitude? .
Era o mesmo coração,
Os mesmos labios, o mesmo
Arder na chamma fatal....
Amei a todas e a esmo. »

Lovelace concluía ;
Entravão ambos no céu ;
E o Senhor que tudo ouvira,
Voltou os olhos immensos
Para a alma de Romeo :
« E tu? — Eu amei na vida
Uma só vez, e subi
D'aquella cruenta lida,
Senhor, a acolher-me em ti. »
Das duas almas, a pura,
A formosa, olhando em face
A divindade ficou ;
E a alma de Lovelace
De novo á terra baixou.

D'aqui vem que a terra conta,
Por um decreto do céu,
Cem Lovelaces n'um dia
E em cem annos um Romeo.



OS DEUSES DA GRECIA

(SCHILLER.)

Quando, co' os tenues vinculos de gozo,
O' Venus de Amathonte, governavas
Felices raças, encantados povos
 Dos fabulosos tempos;

Quando fulgia a pompa do teu culto,
E o templo ornavão delicadas rosas,

Ai ! quão diverso o mundo apresentava
A face aberta em risos !

Na poesia envolvia-se a verdade ;
Plena vida gozava a terra inteira ;
E o que jámais hão de sentir na vida
Então sentião homens.

Lei era repousar no amor ; os olhos
Nos namorados olhos se encontravão ;
Espalhava-se em toda a natureza
Um vestigio divino.

Onde hoje dizem que se prende um globo
Cheio de fogo, — outr'ora conduzia
Helios o carro de ouro, e os fustigados
Cavallos espumantes.

Povoavão Orcades os montes,
No arvoredo Doriades vivia,
E agreste espuma despejava em flocos
A urna das Danaides.

Refugio de uma nympha era o loureiro ;
Tantalia moça as rochas habitava ;

Suspiravão no arbusto e no canniço
Syrinx, Philomela.

Cada ribeiro as lagrimas colhia
De Ceres pela esquiva Persephone;
E do outeiro chamava inutilmente
Venus o amado amante.

Entre as raças que o pio thessaliano
Das pedras arrancou, — os deoses vinhão;
Por captivar uns namorados olhos
Apollo pastoreava.

Vinculo brando então o amor lançava
Entre os homens, heróes e os deoses todos;
Eterno culto ao teu poder rendião,
O' deosa de Amathonte !

Jejuns austeros, torva gravidade
Banidos erão dos festivos templos;
Que os venturosos deoses só amavão
Os animos alegres.

Só a belleza era sagrada outr'ora;
Quando a pudica Thiemone mandava,

Nenhum dos gozos que o mortal respira
Envergonhava os deoses.

Erão ricos palacios vossos templos;
Lutas de heróes, festins e o carro e a ode,
Erão da raça humana aos deoses vivos
A jocunda homenagem.

Saltava a dança alegre em torno a altares;
Louros c'roavão numes; e as capellas
De abertas, frescas rosas, lhes cingião
A fronte perfumada.

Annunciava o galhofeiro Baccho
O tyrso de Evohé; satyros fulvos
Ião tripudiando em seu caminho;
Ião bailando as Menades.

A dança revelava o ardor do vinho;
De mão em mão corria a taça ardente,
Pois que ao fervor dos animos convida
A face rubra do hospede.

Nenhum espectro hediondo ia sentar-se
Ao pé do moribundo. O extremo alento

Escapava n'um osculo, e voltava
Um genio a tocha extincta.

E além da vida, nos infernos, era
Um filho de mortal quem sustentava
A severa balança; e co'a voz pia
Vate ameigava as Furias.

Nos Elyseos o amigo achava o amigo;
Fiel esposa ia encontrar o esposo;
No perdido caminho o carro entrava
Do destro automedonte.

Continuava o poeta o antigo canto;
Admeto achava os osculos de Alceste;
Reconhecia Pylades o socio,
E o rei thessalio as flechas.

Nobre premio o valor retribuia
Do que andava nas sendas da virtude;
Accões dignas do céo, filhas dos homens,
O céo tinham por paga.

Inclinavão-se os deoses ante aquelle
Que ia buscar-lhe algum mortal extincto;

E os gemeos lá no Olympo alumiavão
O caminho ao piloto.

Onde és, mundo de risos e prazeres?
Porque não volves, florescente idade?
Só a poeira conserva os teus divinos
Vestigios fabulosos.

Tristes e mudos vejo os campos todos;
Nenhuma divindade aos olhos surge;
D'essas imagens vivas e formosas
Só a sombra nos resta.

Do norte ao sopro frio e melancolico,
Uma por uma, as flôres se esfolhárão;
E d'esse mundo rutilo e divino
Outro colheu despojos.

Os astros interrogo com tristeza,
Seleno, e não te encontro; á selva fallo,
Fallo á vaga do mar, e á vaga, e á selva,
Inuteis vozes mando.

Da antiga divindade despojada,
Sem conhecer os extasis que inspira,

D'esse esplendor que eterno a fronte lhe orna
Não sabe a natureza.

Nada sente, não goza do meu gozo;
Insensível á força com que impera,
O pendulo parece condemnado
 Ás frias leis que o regem.

Para se renovar, abre hoje a campã,
Forão-se os nubes ao paiz dos vates;
Das roupas infantis despida, a terra
 Inuteis os rejeita.

Forão-se os nubes, forão-se; levárão
Comsigo o bello, e o grande, e as vivas côres,
Tudo que outr'ora a vida alimentava,
 Tudo que é hoje extincto.

Ao diluvio dos tempos escapando,
Nos recessos do Pindo se entranhárão :
O que soffreu na vida eterna morte,
 Immortalise a musa !

LIVROS E FLORES

Teus olhos são meus livros.
Que livro ha ahi melhor,
Em que melhor se leia
A pagina do amor

Flôres me são teus labios.
Onde ha mais bella flôr,
Em que melhor se beba
O balsamo do amor?

PASSAROS

(VERSOS ESCRITOS NO ALBUM DE MANOEL DE ARAUJO).

Je veux changer mes pensées en oiseaux.

C. MAROT.

Olha como, cortando os leves ares,
Passão do valle ao monte as andorinhas;
Vão pousar na verdura dos palmares,
Que, á tarde, cobre transparente véo;

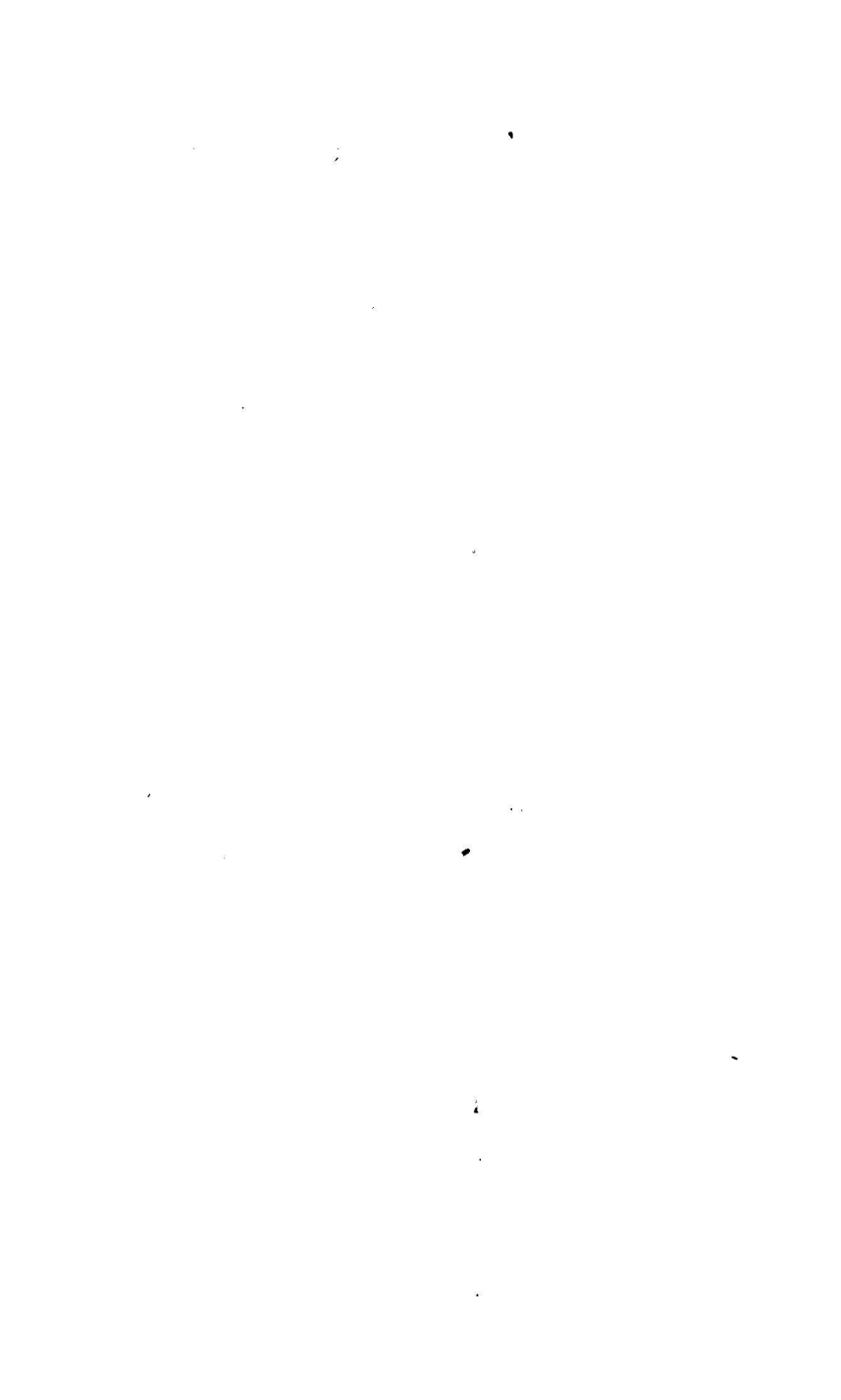
Voão também como essas avezinhas
Meus sombrios, meus tristes pensamentos;
Zombão da furia dos contrarios ventos,
Fogem da terra, acercão-se do céu.

Porque o céu é também aquella estancia
Onde respira a doce creatura,
Filha de nosso amor, sonho da infancia,
Pensamento dos dias juvenis.
Lá, como esquivia flôr, formosa e pura,
Vives tu escondida entre a folhagem,
O' rainha do ermo, ó fresca imagem
Dos meus sonhos de amor calmo e feliz!

Vão para aquella estancia, enamorados,
Os pensamentos de minh' alma anciosa;
Vão contar-lhe os meus dias mal gozados
E estas noites de lagrimas e dôr;
Na tua fronte pousaráõ, mimosa,
Como as aves no cimo da palmeira;
Dizendo aos échos a canção primeira
De um livro escripto pela mão do amor.

Dirão também como conservo ainda
No fundo de minh' alma essa lembrança

Da tua imagen vaporosa e linda,
Unico alento que me prende aqui.
E dirão mais que estrellas de esperança
Enchem a escuridão das noites minhas.
Como sobem ao monte as andorinhas,
Meus pensamentos voão para ti.



CEGONHAS E RODOVALHOS

(A ANISIO SEMPRONIO RUFO)

(BOUILLET.)

Salve, rei dos mortaes, Sempronio invicto,
Tu que estreaste nas romanas mesas
O rodovalho fresco e a saborosa
Pedi-rubra cegonha!

Desentranhando os marmores de Phrugia,
Ou já rompendo ao bronze o escuro seio,
Justo era que mandasse a mão do artista
Teu nobre rosto aos evos.

Porque fosses maior aos olhos pasmos
Das nações do Universo, ó pai dos môlhos,
O' pai das comesainas, em crear-te
Teu seculo esfalfou-se.
A tua vinda ao mundo prepararão
Os destinos, e acaso amiga estrella
Ao primeiro vagido de teus labios
Entre nuvens luzia.

Antes de ti, no seu vulgar instincto,
Que comião Romanos? Carne insossa
Dos seus rebanhos vis, e uns pobres fructos,
Pasto bem digno d'elles;
A escudella de páo outr'ora ornava,
Com o saleiro antigo, a mesa rustica,
A mesa em que, tres seculos contados,
Comêrão senadores.

E quando, por salvar a patria em riseo,
Os velhos se ajuntavão, quantas vezes

O cheiro do alho enchia a antiga curia,
O portico sombrio,
Onde vencidos reis o chão beijavão ;
Quantas, deixando em meio a mal cozida,
A sem sabor chanfana, ião de um salto
A' conquista do mundo !

Ao voltar dos combates, vencedores,
Carga de gloria a não trazia ao porto,
Reis vencidos, tetrarcas subjugados,
E rasgadas bandeiras....
Illudião-sé os miseros ! Bem hajas,
Bem hajas tu, grande homem, que trouxeste
Na tua ovante barca á ingrata Roma
Cegonhas, rodovalhos !

Maior que esse marujo que estripava,
Co' o rijo arpéo, as náos carthaginezas,
Tu, Sempronio, co'as redes apanhavas
Ouriçado marisco ;
Tu, glotão vencedor, cingida a fronte
Co'o verde myrtho, a terra percorreste,
Por encontrar os fartos, os gulosos
Ninhos de finos passaros.

Roma desconheceu teu genio, ó Rufo !

Dizem até (vergonha !) que negára

Aos teimosos desejos que nutrias

O voto da pretura.

Mas a ti, que te importa a voz da turba ?

Ephemero rumor que o vento leva

Como a vaga do mar. Não, não raiarão

Os teus melhores dias.

Viráô, quando aspirar a invicta Roma

As preguiçosas brizas do oriente ;

Quando co'a mitra d'ouro, o descorado,

O cidadão romano,

Pelo fôro arrastar o tardo passo

E sacudir da toga roçagante,

Ás virações os tepidos perfumes

Como um satrapa assyrio.

Viráô, viráô, quando na escura noite

A orgia imperial encher o espaço

De viva luz, e embalsamar as ondas

Com os seus bafos quentes ;

Então do somno acordarás, e a sombra,

A tua sacra sombra irá pairando

Ao ruído das musicas nocturnas
Nas rochas de Capréa.

O' martyr dos festins ! Queres vingança ?
Têl-a-has e á farta, á tua gran memoria;
Vinga-te o luxo que domina a Italia;
Resurgirás ovante
Ao dia em que na mesa dos Romanos
Vier pompear o javali sylvestre,
Prato a que der os finos môlhos Troya
E rouxinol as linguas.

A UM LEGISTA

Tu foges á cidade?
Feliz amigo! Vão
Comtigo a liberdade,
A vida e o coração.

A estancia que te espera
É feita para o amor

Do sol co'a primavera,
No seio de uma flôr.

Do paço de verdura
Transpõe-me esses humbraes ;
Contempla a architectura
Dos verdes palmeiraes.

Esquece o ardor funesto
Da vida cortezã ;
Mais val que o teu Digesto
A rosa da manhã.

Rosa... que se enamora
Do amante colibri,
E desde a luz da aurora
Os seios lhe abre e ri.

Mas Zephyro bregeiro
Oppõe ao beija-flôr
Embargos de terceiro
Senhor e possuidor.

Quer este possuil-a,
Tambem o outro a quer.

A pobre flôr vacilla,
Não sabe a que attender.

O sol, juiz tão grave
Como o melhor doutor,
Condemna a briza e a ave
Aos osculos da flôr.

Zephyro ouve e appella.
Appella a colibri.
No emtanto a flôr singela
Com ambos folga e ri.

Tal a formosa dama
Entre dous fogos, quer
Aproveitar a chamma...
Rosa, tu és mulher !

Respira aquelles ares,
Amigo. Deita ao chão
Os tedios e os pezares.
Revive. O coração

É como o passarinho,
Que deixa sem cessar

A maciez do ninho
Pela amplidão do ar.

Pudesse eu ir contigo,
Gozar contigo a luz ;
Sorver ao pé do amigo
Vida melhor e a flux !

Ir escrever nos campos,
Nas folhas dos rosaes,
E á luz dos pyrilampos,
O' Flora, os teus jornaes !

Da estrella que mais brilha
Tirar um raio, e então
Fazer a *gazetilha*
Da immensa solidão.

Vai tu que pódes. Deixa
Os que não podem ir,
Soltar a inutil queixa,
Mudar é refflorir.

O VERME

Existe uma flôr que encerra
Celeste orvalho e perfume.
Plantou-a em fecunda terra
Mão benefica de um nune. .

Um verme asqueroso e feio,
Gerado em lodo mortal,

Busca esta flôr virginal
E vai dormir-lhe no seio.

Morde, sangra, rasga e mina,
Suga-lhe a vida e o alento ;
A flôr o calix inclina ;
As folhas, leva-as o vento,

Depois, nem resta o perfume
Nos ares da solidão...
Esta flôr é o coração,
Aquelle verme o ciume.

ESTANCIAS A EMMA

(ALEX. DUMAS, FILHO).

I

Sabíamos, ella e eu, dentro de um carro ,
Um ao outro abraçados ; e como era
Triste e sombria a natureza em torno,
Ia comnosco a eterna primavera.

No cocheiro flavamos a sorte
D'aquelle dia, o carro nos levava

Sem ponto fixo' onde aprouvesse ao homem;
Nosso destino em suas mãos estava.

Quadrava-lhe Saint-Cloud. Eia ! pois vamos !
É um sitio de luz, de aroma e riso.
Demais, se as nossas almas conversavão,
Onde estivessem era o paraíso.

Fomos descer junto ao portão do parque.
Era deserto e triste e mudo ; o vento
Rolava nuvens côr de cinza ; estavam
Secco o arbusto, o caminho lamacento.

Rímo-nos tanto, vendo-te, ó formosa,
(E felizmente ninguem mais te via !)
Arregaçar a ponta do vestido
Que o lindo pé e a meia descobria !

Tinhas o gracioso acanhamento
Da fidalga gentil pisando a rua ;
Desaffeita ao andar, teu passo incerto
Deixava conhecer a raça tua.

Uma das tuas mãos alevantava
O vestido de seda ; as saias finas

lão mostrando as rendas e os bordados,
Lambendo o chão, molhando-te as botinas.

Mergulhavão teus pés a cada instante,
Como se o chão quizesse alli guardal-os.
E que afan ! Mal podíamos nós ambos
Da cubiçosa terra libertal-os.

Doce passeio aquelle ! E como é bello
O amor no bosque, em tarde tão sombria !
Tinhas os olhos humidos, — e a face
A rajada do inverno enrubecia.

Era mais bello que a estação das flôres ;
Nenhum olhar nos espreitava alli ;
Nosso era o parque, unicamente nosso ;
Ninguem ! estava eu só ao pé de ti !

Perlustrámos as longas avenidas
Que o horizonte cinzento limitava ,
Sem mesmo ver as deosas conhecidas
Que o arvoredado sem folhas abrigava . .

O tanque, onde nadava um niveo cysne
Placidamente, — o passo nos deteve ;

Era a face do lago uma esmeralda
Que reflectia o cysne alvo de neve.

Veio este a nós, e como que pedia
Alguma cousa, uma migalha apenas;
Nada tinhas que dar-lhe; a ave arrufada
Foi-se cortando as aguas tão serenas.

E nadando parou junto ao repucho
Que de agua viva aquelle tanque enchia;
O murmurio das gottas que tombavão
Era o unico som que alli se ouvia.

Lá ficámos tão juntos um do outro,
Olhando o cysne e escutando as aguas;
Vinha a noite; a sombria côr do bosque
Emmoldurava as nossas proprias mágoas.

N'um pedestal, onde outras phrases ternas,
A mão de outros amantes escreveu,
Fui traçar, meu amor, aquella data
E junço d'ella pôr o nome teu!

Quando o estio volver aquellas arvores,
E á sombra d'ellas fôr a gente a flux,

E o tanque reflectir as folhas novas,
E o parque encher-se de murmurio e luz,

Irei um dia, na estação das flôres,
Ver a columna onde escrevi teu nome,
O doce nome que minha alma prende,
E que o tempo, quem sabe? já consome!

Onde estarás então? Talvez bem longe,
Separada de mim, triste e sombrio;
Talvez tenhas seguido a alegre estrada,
Dando-me aspero inverno em pleno estio.

Porque o inverno não é o frio e o vento,
Nem a erma alameda que hontem vi;
O inverno é o coração sem luz, nem flôres,
É o que eu hei de ser longe de ti!

II

Correu um anno desde aquelle dia
Em que fomos ao bosque, um anno, sim!

Eu já previa o funebre desfecho
D'esse tempo feliz, — triste de mim !

O nosso amor nem vio nascer as flôres ;
Mal aquecia um raio de verão
Para sempre, talvez, das nossas almas
Começou a cruel separação.

Vi esta primavera em longes terras,
Tão ermo de esperanças e de amores,
Olhos fitos na estrada, onde esperava
Ver-te chegar, como a estação das flôres.

Quanta vez meu olhar sondou a estrada
Que entre espesso arvoredado se perdia,
Menos triste, inda assim, menos escuro
Que a duvida cruel que me seguia !

Que valia esse sol abrindo as plantas
E despertando o somno das campinas?
Inda mais altas que as searas louras,
Que valião as flôres peregrinas?

De que servia o aroma dos outeiros?
E o canto matinal dos passarinhos ?

Que me importava a mim o arfar da terra,
E nas moutas em flôr os verdes ninhos?

O sol que enche de luz a longa estrada,
Se me não traz o que minh'alma espera,
Póde apagar seus raios seductores :
Não é o sol, não é a primavera !

Margaridas, cahí, morrei nos campos,
Perdei o viço e as delicadas côres ;
Se ella vos não aspira o halito brando,
Já o verão não sois, já não sois flôres !

Prefiro o inverno desfolhado e mudo,
O velho inverno, cujo olhar sombrio
Mal se derrama nas cerradas trevas,
E vai morrer no espaço humido e frio.

É esse o sol das almas desgraçadas ;
Venha o inverno, somos tão amigos !
Nossas tristezas são irmãs em tudo :
Temos ambos o frio dos jazigos !

Contra o sol, contra Deos, assim fallava
Dês que assomavão matinaes albores ;

Eu aguardava as tuas doces lettras
Com que ao céo perdoasse as bellas côres !

Ião assim, um após outro, os dias.
Nada. — E aquelle horizonte tão fechado
Nem deixava chegar aos meus ouvidos
O écho longinquo do teu nome amado.

Só, durante seis mezes, dia e noite
Chamei por ti na minha angustia extrema;
A sombra era mais densa a cada passo,
E eu murmurava sempre : — Oh! minha Emma !

Um quarto de papel — é pouca cousa;
Quatro linhas escriptas — não é nada;
Quem não quer escrever colhe uma rosa,
No valle aberta, á luz da madrugada.

Mandão-se as folhas n'um papel fechado ;
E o proscripto, anciando de esperança,
Póde entre-abrir nos labios um sorriso
Vendo n'aquillo uma fiel lembrança.

Era facil fazê-lo e não fizcste!
Meus dias erão mais desesperados.

Meu pobre coração ia seccando
Como esses fructos no verão guardados.

Hoje, se o comprimissem, mal deitava
Uma gotta de sangue ; nada encerra.
Era uma taça cheia : uma criança,
De estouvada que foi, deitou-a em terra !

É este o mesmo tempo, o mesmo dia.
Vai o anno tocando quasi ao fim ;
É esta a hora em que, formosa e terna,
Conversavas de amor, junto de mim.

O mesmo aspecto : as ruas estão ermas,
A neve coalha o lago preguiçoso ;
O arvoredado gastou as roupas verdes,
E nada o cysne triste e silencioso.

Vejo ainda no marmore o teu nome,
Escrepto quando alli comigo andaste.
Vamos ! Sonhei, foi um delirio apenas,
Era um louco, tu não me abandonaste !

O carro espera : vamos. Outro dia,
Se houver bom tempo, voltaremos, não ?

Corre este véo sobre teus olhos lindos,
Olha não caias, dá-me a tua mão!

Choveu : a chuva humedeceu a terra.
Anda! Ai de mim! Em vão minh'alma espera.
Estas folhas que eu piso em chão deserto
São as folhas da outra primavera!

Não, não estás aqui, chamo-te embalde!
Eraa inda uma ultima illusão.
Tão longe d'esse amor fui inda o mesmo,
E vivi dous invernos sem verão.

Porque o verão não é aquelle tempo
De vida e de calor que eu não vivi;
É a alma entornando a luz e as flôres,
É o que hei de ser ao pé de ti!

UN VIEUX PAYS

... Juntamente choro e rio.

CAMÕES, soneto.

Il est un vieux pays, plein d'ombre et de lumière,
Où l'on rêve le jour, où l'on pleure le soir ;
Un pays de blasphème, autant que de prière,
Né pour le doute et pour l'espoir.

On n'y voit point de fleurs sans un ver qui les ronge
Point de mer sans tempête, ou de soleil sans nuit;
Le bonheur y paraît quelquefois dans un songe
Entre les bras du sombre ennui.

L'amour y va souvent, mais c'est tout un délire,
Un désespoir sans fin, une énigme sans mot;
Parfois il rit gaîment, mais de cet affreux rire
Qui n'est peut-être qu'un sanglot.

On va dans ce pays de misère et d'ivresse,
Mais on le voit à peine, on en sort, on a peur;
Je l'habite pourtant, j'y passe ma jeunesse....
Hélas! ce pays, c'est mon cœur.

A MORTE DE OPHELIA

(PARAPHRASE).

Junto ao placido rio
Que entre margens de relva e fina areia
Murmura e serpenteia ,
O tronco se levanta ,
O tronco melancolico e sombrio
De um salgueiro. Uma fresca e branda aragem

Alli suspira e canta,
Abraçando-se á tremula folhagem
Que se espelha na onda voluptuosa.
Alli a desditosa,
A triste Ophelia foi sentar-se um dia.
Enchião-lhe o regaço umas capellas
Por suas mãos tecidas
De varias flôres bellas,
Pallidas margaridas,
E rainunculos, e essas outras flôres
A que dá feio nome o povo rude,
E a casta juventude
Chama — dedos da morte. — O olhar ceeste
Alevantando aos ramos do salgueiro,
Quiz alli pendurar a offrenda agreste.
N'um galho traiçoeiro
Firmára os lindos pés, e já seu braço,
Os ramos alcançando,
Ia depôr a offrenda peregrina
De suas flôres, quando
Rompendo o apoio escasso,
A pallida menina
Nas aguas resvalou; forão com ella
Os seus — dedos da morte — e as margaridas.
As vestes estendidas

Algum tempo a tiverão sobre as aguas ,
 Como sereia bella ,
Que abraça ternamente a onda amiga.
Então , abrindo a voz harmoniosa ,
Não por chorar as suas fundas mágoas ,
Mas por soltar a nota deliciosa
 De uma canção antiga ,
 A pobre naufragada
De alegres sons enchia os ares tristes ,
Como se alli não visse a sepultura ,
 Ou fosse alli creada.
Mas de subito as roupas embebidas
 Da lympha calma e pura
Levã-o-lhe o corpo ao fundo da corrente ,
Cortando-lhe no labio a voz e o canto.
 As aguas homicidas ,
Como a lage de um tumulo recente ,
 Fecharão-se ; e sobre ellas ,
Triste emblema de dôr e de saudade ,
Forão nadando as ultimas capellas .

LUZ ENTRE SOMBRAS

É noite medonha e escura ,
Muda como o passament
Uma só no firmamento
Tremula estrella fulgura.

Falla aos échos da espessura
A chorosa harpa do vento ,

E n'um canto somnolento
Entre as arvores murmura.

Noite que assombra a memoria,
Noite que os medos convida,
Erma, triste, merencoria.

No entanto... minh'alma olvida
Dôr que se transforma em gloria,
Morte que se rompe em vida.

LYRA CHINEZA

LYRA CHINEZA

I

CORAÇÃO TRISTE FALLANDO AO SOL.

(Imitado de Su-Tchon).

No arvoredos sussurra o vendaval do outono,
Deita as folhas á terra, onde não ha florir
E eu contemplo sem pena esse triste abandono ;
So eu as vi nascer, vejo-as só eu cahir.

Como a escura montanha, esguia e pavorosa
Faz, quando o sol descamba, o valle ennoitecer,
A montanha da alma, a tristeza amorosa,
Tambem de ignota sombra enche todo o meu ser.

Transforma o frio inverno a agua em pedra dura,
Mas torna a pedra em agua um raio de verão ;
Vem, ó sol, vem, assume o throno teu na altura,
Vê se podes fundir meu triste coração.

II

A FOLHA DO SALGUEIRO.

(Tchan-Tiú-Lin).

Amo aquella formosa e terna moça
Que, á janella encostada, arfa e suspira;
Não porque tem do largo rio á margem
Casa faustosa e bella.

Amo-a, porque deixou das mãos mimosas
Verde folha cahir nas mansas aguas.

Amo a briza de léste que sussurra,
Não porque traz nas azas delicadas
O perfume dos verdes pecegueiros
Da oriental montanha.

Amo-a porque impellio co'as tenues azas
Ao meu batel a abandonada fôlha.

Se amo a mimosa folha aqui trazida,
Não é porque me lembre á alma e aos olhos
A renascente, a amavel primavera,
Pompa e vigor dos valles.

Amo a folha por ver-lhe um nome escripto,
Escripto, sim, por ella, e esse... é meu nome.

III

O POETA A RIR.

(Han-Tiê.)

Taça d'agua parece o lago ameno;
Tem os bambús a fôrma de cabanas,
Que as arvores em flôr, mais altas, cobrem
Com verdejantes tectos.

As ponteagudas rochas entre flôres,
Dos pagodes o grave aspecto ostentão...
Faz-me rir ver-te assim, ó natureza,
Cópia servil dos homens.

IV

A UMA MULHER.

Tchê-Tsi.)

Cantigas modulei ao som da flauta,
Da minha flauta d'ebano;
N'ellas minh'alma segredava á tua
Fundas, sentidas mágoas.

Cerraste-me os ouvidos. Namorados
Versos compuz de jubilo,

Por celebrar teu nome, as graças tuas,
Levar teu nome aos seculos.

Olhaste, e meneando a airosa frente,
Com tuas mãos purissimas,
Folhas em que escrevi meus pobres versos
Lançaste ás ondas tremulas.

Busquei então por encantar tu'alma
Uma saphira esplendida,
Fui depôl-a a teus pés... tu descerraste
Da tua boca as perolas.

V

O IMPERADOR.

(Thu-Fu.)

1

Olha. O Filho do Céu, em throno de ouro,
E adornado com ricas pedrarias,
Os mandarins escuta : — um sol parece
De estrellas rodeado.

Os mandarins discutem gravemente
Cousas muito mais graves. E elle? Foge-lhe

O pensamento inquieto e distraído
Pela janella aberta.

Além, no pavilhão de porcellana,
Entre donas gentis está sentada
A imperatriz, qual flôr radiante e pura
Entre viçosas folhas.

Pensa no amado esposo, arde por vê-lo,
Prolonga-se-lhe a ausencia, agita o leque...
Do imperador ao rosto um sopro chega
De rescendente briza.

« Vem della este perfume, » diz, e abrindo
Caminho ao pavilhão da amada esposa,
Deixa na sala olhando-se em silencio
Os mandarins pasmados.

VI

O LEQUE.

(De-Tan-Jo-Lu.)

Na perfumada alcova a esposa estava,
Noiva ainda na vespera. Fazia
Calor intenso ; a pobre moça ardia
Com fino leque as faces refrescava.
Ora, no leque em boa lettra feito
Havia este conceito :

« Quando, immovel o vento e o ar pesado,
 « Arder o intenso estio,
« Serei por mão amiga ambicionado ;
 « Mas volte o tempo frio,
« Ver-me-heis a um canto logo abandonado. »

Lê a esposa este aviso, e o pensamento
 Volve ao joven marido.
« Arde-lhe o coração n'este momento
« (Diz ella) e vem buscar enternecido
« Brandas auras de amor. Quando mais tarde
 « Tornar-se em cinza fria
 « O fogo que hoje lhe arde,
« Talvez me esqueça e me desdenhe um dia. »

VII

AS FLÔRES E OS PINHEIROS.

(Tin-Tun-Sing.)

Vi os pinheiros no alto da montanha
Ouriçados e velhos ;
E ao sopé da montanha, abrindo as flôres
Os calices vermelhos.

Contemplando os pinheiros da montanha,
As flôres tresloucadas

Zombão d'elles enchendo o espaço em torno
De alegres gargalhadas.

Quando o outono voltou, vi na montanha
Os meus pinheiros vivos,
Branços de neve, e meneiando ao vento
Os galhos pensativos.

Volvi o olhar ao sitio onde escutára
Os risos mofadores ;
Procurei-as em vão ; tinham morrido
As zombeteiras flôres.

VIII

REFLEXOS.

(Thu-Fu.)

Vou rio abaixo vogando
No meu batel e ao luar;
Nas claras aguas fitando,
Fitando o olhar.

Das aguas vejo no fundo,
Como por um branco véo,

Intenso, calmo, profundo,
O azul do céu.

Nuvem que no céu fluctua,
Fluctua n'agua também ;
Se a lua cobre, á outra lua
Cobril-a vem.

Da amante que me extasia,
Assim, na ardente paixão,
As raras graças copia
Meu coração.

UMA ODE
DE ANACREONTE

(QUADRO ANTIGO).

A

MANOEL DE MELLO.

PERSONAGENS

LYSIAS.

GLEON.

MYRTO.

TRES ESCRAVOS.

A scena é em Samos.

UMA ODE DE ANACREONTE

Sala de festim em casa de Lysias. Á esquerda a mesa do festim; á direita uma mesa tendo em cima uma lampada apagada, e junto da alampada um rolo de papyro.

SCENA I.

LYSIAS, GLEON, MYRTO.

(Estão no fim de um banquete; os dous homens deitados á maneira antiga, Myrto sentada entre os dous leitos. Tres escravos.)

LYSIAS.

Melancolica estás, bella Myrto. Bebamos!
Aos prazeres!

GLEON.

Eu bebo á memoria de Samos.
Samos vai terminar os seus dourados dias;
Adeos, terra em que achei consolo ás agonias
Da minha mocidade; adeos, Samos, adeos!

MYRTO.

Querem-lhe os deoses mal?

CLEON.

Não; dous olhos, os teus.

LYSIAS.

Bravo, Cleon !

MYRTO.

Poeta ! os meus olhos ?

CLEON.

São lumes

Capazes de abrasar até os proprios numes.
Samos é nova Troya, e tu és outra Helena,
Quando Lesbos, a mãe de Sappho, a ilha amena,
Não vir a bella Myrto, a alegre cortezã,
Armar-se-ha contra nós.

LYSIAS.

Lesbos é boa irmã.

MYRTO.

Outras bellezas tem, dignas da loura Venus.

CLEON.

Menos dignas que tu.

MYRTO.

Mais do que eu.

LYSIAS.

Muito menos.

CLEON.

Tens vergonha de ser formosa e festejada,

Myrto? Venus não quer belleza envergonhada.
Pois que dos immortaes houveste esse condão
De inspirar quantos vês, inspira-os, Myrto.

MYRTO.

Não;

São teus olhos, poeta; eu não tenho a belleza
Que arrasta corações.

CLEON.

Divina singeleza!

LYSIAS (á parte).

Vejo através do manto as galas da vaidade.

(Alto.)

Vinho, escravo!

(O escravo deita vinho na taça de Lysias.)

Poeta, um brinde á mocidade.

Trava da lyra e invoca o deos inspirador.

CLEON.

« Feliz quem junto a ti, ouve a tua falla, amor! »

MYRTO.

Versos de Sapho!

CLEON.

Sim.

LYSIAS.

Vês? é modestia pura.

Elle é na poesia o que és na formosura.

Faz versos de primor e esconde-os ao profano ;
Tem vergonha. Eu não sei se o vicio é lesbiano...

MYRTO.

Ah! tu és...

CLEON.

Lesbos foi minha patria tambem,
Lesbos, a flôr do Egeo.

MYRTO.

Já não é?

CLEON.

Lesbos tem
Tudo o que me fascina e tudo o que me mata :
As festas do prazer e os olhos de uma ingrata.
Fugi da patria e achei, já curado e tranquillo,
Em Lysias um irmão, em Samos um asylo.
Bem hajas tu que veus encher-me o coração!

LYSIAS.

Insaciavel ! Não tens em Lysias um irmão?

MYRTO.

Volto á patria.

CLEON.

Pois que ! tu vais?

MYRTO.

Em poucos dias....

LYSIAS.

Fazes mal ; tens aqui os moços e as folias,

O gozo, a adoração; que te falta?

MYRTO.

Os meus ares.

CLEON.

A que vieste então?

MYRTO.

Successos singulares.

Vim por acompanhar Lysicles, mercador
De Naxos; tanto póde a constancia no amor!
Corrêmos todo o Egeo e a costa ionia; fomos
Comprar o vinho a Creta e a Tenedos os pomos.
Ah! como é doce o amor na solidão das aguas!
Tem-se vida melhor; esquecem-se-lhe as mágoas.
Zephyro ouviu por certo os osculos febris,
Os jubilos do affecto; as fallas juvenis;
Ouvio-os, delatou ao deos que o mar governa
A indiscreta ventura, a effusão doce e terna.
Para a furia acalmar da sombria deidade,
Nave e bens varreu tudo a horrivel tempestade.
Foi assim que eu perdi a Lysicles; assim
Que eu semi-morta e fria á tua plaga vim.

CLEON.

Ó coitada!

LYSIAS.

O infortunio os animos apura;

As feridas que faz o mesmo Amor as cura;
Brandem armas iguaes Achilles e Cupido.
Queres ver n'outro amor o teu amor perdido?
Samos o tem de sobra.

CLEON.

Eu, Myrto, eu sei amar;
Não fio o coração da inconstancia do mar.
Não tenho galeões rompendo o seio a Thetys,
Estrada tanta vez ao torvo e obscuro Lethes.
Aqui me tens; sou teu; escreve a minha sorte;
Pódes doar-me a vida ou decretar-me a morte.

MYRTO.

Mas se eu volto....

CLEON.

Pois bem! aonde quer que tu vás
Irei contigo; a deosa indomita e fallaz
Ser-me-ha hospede amiga; ao pé de ti a escura
Noite parece aurora, e é berço a sepultura.

MYRTO.

Quando falla o dever, a vontade obedece;
Eu devo ir só; tu fica, ama-me um pouco e esquece.

LYSIAS.

Tens razão, bella Myrto; escuta o teu dever.

CLEON.

Ai! é facil amar, difficil esquecer.

LYSIAS (a Myrto).

Queres pôr termo á festa? Um brinde a Venus, filha
Da mar azul, belleza, encanto, maravilha;
Nascida para ser perpetuamente amada.
A Venus!

(Depois do brinde os escravos trazem os vasos com agua perfumada
em que os convivas lavão as mãos; os escravos sahem levando
os restos do banquete. Levantão-se todos.)

Queres tu, mimosa naufragada,
Ouvir de hemonia serva, em lyra de marfim,
Uma alegre canção? Preferes o jardim?
O portico talvez?

MYRTO.

Lysias, sou indiscreta;
Quizera antes ouvir a voz do teu poeta.

LYSIAS.

Nume não pede, impõe.

CLEON.

O mando é lisongeiro.

LYSIAS.

Pois começa.

SCENA II.

Os mesmos, um escravo.

ES CRAVO.

Procura a Myrto um mensageiro.

MYRTO.

Um mensageiro! a mim!

LYSIAS.

Manda-o entrar.

ES CRAVO.

Não quer.

LYSIAS.

Vai, Myrto.

MYRTO (sahindo).

Volto já.

(Sahe o escravo.)

SCENA III.

LYSIAS, CLEON.

CLEON.

(Olhando para o lugar por onde Myrto sahio.)

Oh! deoses! que mulher!

LYSIAS.

Ah! que perola rara!

CLEON.

Onde a encontraste?

LYSIAS.

Achei-a

Com Parthenis que dava uma esplendida ceia;

Parthenis, ex-bonita, ex-joven, ex-da moda,

Sabes que vê fugir-lhe a enfastiada roda ;
E, para não perder o grupo adorador,
Fez do templo deserto unia escola de amor.
Foi ella quem achou a naufraga perdida,
Exposta ao vento e ao mar, quasi a expirar-lhe a vida.
A belleza pagava o emprego de uma esmola ;
Dentro em pouco era Myrto a flôr de toda a escola.

CLEON.

Lembrou-te convidal-a então para um festim?

LYSIAS.

Foi um pouco por ella e um pouco mais por mim.

CLEON.

Tambem amas?

LYSIAS.

Eu? não. Quiz ter á minha mesa
Venus e o louro Apollo, a poesia e a belleza.

CLEON.

Oh! a belleza, sim! Viste já tanta graça,
Tão celestes feições?

LYSIAS.

Cuidado! Aquella caça
Zomba dos tiros vãos de ingenuo caçador!

CLEON.

Incredulo!

LYSIAS.

Eu sou mestre em materia de amor

Se tu attento e calmo a narração lhe ouvisses
Conhecêras melhor o engenho d'esta Ulysses.
Aquelle ardente amor a Lysicles, aquella
Fundo e intenso pezar que á sua patria a impelle,
Armas são com que a astuta os animos seduz.

CLEON.

Oh! não creio.

LYSIAS.

Porque?

CLEON.

Não vês como lhe luz
Tanta expressão sincera em seus olhos divinos?

LYSIAS.

Sim, tem muita expressão.... para illudir meninos.

CLEON.

Pois tu não crês?

LYSIAS.

Em que? No naufragio? De certo.
Em Lysicles? Talvez. No amor? é mais incerto.
Na intenção de voltar a Lesbos? isso não!
Sabes o que ella quer? Prender um coração.

CLEON.

Impossivel!

LYSIAS.

Poeta! estás na alegre idade

Em que a sciencia da vida é a credulidade.
Vês tudo azul e em flôr; eu já me não illudo.
Pois amar cortezãs! isso demanda estudo,
Não vai assim, que as taes abelhitas do amor
Correm de bolsa em bolsa e não de flôr em flôr.

CLEON.

Mas não as amas tu?

LYSIAS.

De certo.... á minha moda;
Meu grande coração co' os vicios se accomoda;
Sacrificios de amor não sonha nem procura;
Não lhes pede illusões, pede-lhes só ternura.
Não me empenho em achar alma ungida no céu :
Se é crime este sentir ; confesso-me, sou réo.
Não peço amor ao vinho; irei pedil-o ás damas?
D'ellas e d'elle exijo apenas estas chammas
Que ardem sem consumir, na pyra dos desejos.
Lá protestos de boca, eternos e leaes,
Tudo isso é fumo vão. Que queres? Os mortaes
Somos todos assim.

CLEON.

Ai, os mortaes ! dize antes
Os philosophos máos, ridiculos pedantes,
Os que não sabem crer, os fartos já de amores,
Esses sim. Os mortaes !

LYSIAS.

Refreia os teus furores,
Poeta; eu não quizera amargar-te, e emfim
Não podia suppôr que a amasses tanto assim.
Caspité! Vais depressa!

CLEON.

Ai, Lysias, é verdade.
Amo-a, como não amo a vida e a mocidade;
De que modo nasceu esta affeição que encerra
Todo o meu ser, ignoro. Acaso sabe a terra
Porque é mais bella ao sol e ás auras matinaes?
Amores estes são terriveis e fataes.

LYSIAS.

Vês com olhos do céu cousas que são do mundo;
Acreditas achar esse affecto profundo,
N'estas filhas do mal! Se a todo o transe queres
Obter a casta flôr dos celicos prazeres,
Deixa a alegre Corintho e todo o luxo seu;
Outro porto acharás : procura o Gyneceo.
Escolhe aquelle amor doce, innocente e puro,
Que inda não tem passado e vive do futuro.
Para mim, já t'o disse, o caso é differente;
Não me importa um nem outro; eu vivo no presente.

CLEON.

Deu-te amiga Fortuna um grande cabedal :

Viver, sem illusões, no bem como no mal;
Não conhecer o amor que morde, que se nutre
Do nosso sangue, o amor funesto, o amor abutre;
Não beber gotta a gotta este brando veneno
Que requeima e destróe; não ver em mar sereno
Subitamente erguer-se a voz dos aquilões.
Afortunado és tu.

LYSIAS.

Lei de compensações!
Sou philosopho máo, ridiculo pedante,
Mas invejas-me a sorte; oh! logica de amante

CLEON.

É a do coração.

[LYSIAS.

Terrível mestre!

CLEON.

Ensina
Dos seres immortaes a transfusão divina!

LYSIAS.

A lição é profunda e escapa ao meu saber;
Outra escola professo, a escola do prazer!

CLEON.

Tu não tens coração.

LYSIAS.

Tenho, mas não me illudo

É Circe que perdeu o encanto e a juventude.

CLEON.

Velho Satyro!

LYSIAS.

Justo : um semi-deos sylvestre.

N'estas cousas do amor nunca tive outro mestre.

Tu gostas de chorar; eu cá prefiro rir.

Tres artigos da lei : gozar, beber, dormir.

CLEON.

Compras com isso a paz; a mim coube o tédio,

A solidão e a dôr.

LYSIAS.

Queres um bom remedio,

Um philtro da Thessalia, um balsamo infallivel?

Esqueces emprezas vãs, não tentes o impossivel

Prende o teu coração nos laços de Hymenêo;

Casa-te; encontrarás o amor no gynecêo.

Mas cortezãs! jámais! São Gorgones! Medusas!

CLEON.

Essas que conheceste e tão severo accusas

— Pobres moças! — não são o universal modelo;

De outras sei a quem coube um coração singelo,

Que preferem a tudo a gloria singular

De conhecer sómente a sciencia de amar;

Capazes de sentir o ardor da intensa chamma

Que eleva, que resgata a vida que as infama.

LYSIAS.

Se achares tal milagre, eu mesmo irei pedir-t'ó.

CLEON.

Basta um passo, achal-o-hei.

LYSIAS.

Bravo ! chama-se?

CLEON.

Myrto,

Que póde conquistar até o amor de um deos !

LYSIAS.

Crês n'isso ?

CLEON.

Porque não ?

LYSIAS.

Tu és um nescio ; adeos !

SCENA IV.

CLEON.

Vai, sceptico ! tu tens o vicio da riqueza :
Farto, não crês na fome... A minha singeleza
Faz-te rir ; tu não vês o amor que absorve e mata ;
Myrto, vingame tu da calumnia insensata ;
Amemo-nos. É ella !

SCENA V.

CLEON , MYRTO.

MYRTO.

Estás triste !

CLEON.

Oh ! que não !

Mas deslumbrado, sim, como se uma visão.....

MYRTO.

A visão vai partir.

CLEON.

Mas muito tarde....

MYRTO,

Breve.

CLEON.

Quem te chama ?

MYRTO.

O destino. A divinha quem me escreve ?

CLEON.

Tua mãe.

MYRTO.

Já morreu.

CLEON.

Algum antigo amante ?

MYRTO.

Lysicles.

CLEON.

Vive

MYRTO.

Sim. Depois de andar errante
N'uma taboa, á mercê das ondas, quiz o céo
Que viesse encontral-o um barco do Pyreo.
Pobre Lysicles! teve em tão cruenta lida
A dôr da minha morte e a dôr da propria vida.
Em vão interrogava o mar cioso e mudo.*
Perdêra, de uma vez, n'uma só noite, tudo.
A ventura, a esperança, o amor, e perdeu mais :
Naufragarão com elle os poucos cabedaes.
Entrou em Samos pobre, inquieto, semi-morto.
Um barqueiro, que a tempo atravessava o porto,
Disse-lhe que eu vivia, e contou-lhe a aventura
Da malfadada Myrto.

CLEON.

É isso, a sorte escura
Votou-se contra mim; não consente, não quer
Que eu me farte de amor no amor de uma mulher.
Vejo em cada paixão o fado que me opprime;
O amar é já soffrer a pena do meu crime.
Ixion foi mais audaz amando a deosa augusta;

Transpôz o obscuro lago e soffre a pena justa ;
Mas eu não. Antes de ir ás regiões infernaes
São as graças comigo Eumenides fataes !

MYRTO.

Caprichos de poeta ! Amor não falta ás damas ;
Damas, tem-las aqui ; inspira-lhe estas chammas.

CLEON.

Impõe-se leis ao mar ? O coração é isto ;
Ama o que lhe convem ; convem amar a Egistho
Clytemnestra ; convem a Cynthia Endymião ;
É caprichoso e livre o mar do coração ;
De outras sei que eu houvera em meus versos cantado ;
Não lhes quero... não posso.

MYRTO.

Ai, triste enamorado !

CLEON.

E tu zombas de mim !

MYRTO.

Eu zombar ? Não ; lamento
A tua acerba dôr, o teu fatal tormento.
Não conheço eu tambem esse cruel penar ?
Só dous remedios tens : esquecer, esperar.
De quanto almeja e quer o amor nem tudo alcança ;
Contenta-se ao nascer co' as auras da esperanza ;
Vive da propria mágoa ; a propria dôr o alenta.

CLEON.

Mas, se a vida é tão curta, a agonia é tão lenta!

MYRTO.

Não sabes esperar? Então cumpre esquecer.
Escolhe entre um e outro; é preciso escolher.

CLEON.

Esquecer? sabes tu, Myrto, se a alma esquece
O prazer que a fulmina, e a dôr que a fortalece?

MYRTO.

Tens na ausencia e no tempo os velhos pais do olvido,
O bem não alcançado é como o bem perdido,
Pouco a pouco se esvai na mente e coração;
Põe o mar entre nós... dissipa-se a illusão.

CLEON.

Impossivel !

MYRTO.

Então espera; algumas vezes
A fortuna transforma em glorias os revezes:

CLEON.

Myrto, valem bem pouco as glorias já tardias.

MYRTO.

Um só dia de amor compensa estereis dias.

CLEON.

Compensará, mas quando? A mocidade em flôr
Bem cedo morre, e é essa a que convem a amor.

Vejo cahir no occaso o sol da minha vida.

MYRTO.

Cabeça de poeta, exaltada e perdida!

Pensas estar no occaso o sol que mal desponta?

CLEON.

A clepsydra do amor não conta as horas, conta

As illusões; velhice é perdêl-as assim;

Breve a noite abrirá seus véos por sobre mim.

MYRTO.

Não has de envelhecer; as illusões contigo

Flôres são que respeita Eolo brando e amigo.

Guarda-as, talvez um dia, e não tarde, as colhamos.

CLEON.

Se eu a Lesbos não vou.

MYRTO.

Podem colher-se em Samos.

CLEON.

Voltas breve?

MYRTO.

Não sei.

CLEON.

Oh! sim, debes voltar!

MYRTO.

Tenho medo.

CLEON.

De que?

MYRTO.

Tenho medo... do mar.

CLEON.

Teu sepulcro já foi ; o medo é justo ; fica.
Lesbos é para ti mais formosa , é mais rica.
Mas a patria é o amor ; o amor transmuda os arcs.
Muda-se o coração ? Mudão-se os nossos lares.
Da importuna memoria o teu passado exclue ;
Vida nova nos chama , outro céu nos influe.
Fica ; eu disfarçarei com rosas este exilio ;
A vida é um sonho máo : façamo-la um idyllo.
Cantarei a teus pés a nossa mocidade ,
A belleza que impõe , o amor que persuade.
Venus que faz arder o fogo da paixão ,
Teu olhar , doce luz que vem do coração.
Pericles não amou com tanto ardor a Aspasia ,
Nem esse que morreu entre as pompas da Asia ,
A Lais siciliana. Aqui as Horas bellas
Tecerão para ti vivissimas capellas.
Nem morrerás ; teu nome em meus versos ha de ir,
Vencendo o tempo e a morte , aos seculos porvir.

MYRTO.

Tanto me queres tu !

CLEON.

Immensamente. Anceio

Por sentir, bella Myrto, arfar teu brando seio,
Bater teu coração, tremer teu labio puro,
Todo viver de ti.

MYRTO.

Confia no futuro.

CLEON.

Tão longe!

MYRTO.

Não, bem perto.

CLEON.

Ah! que dizes?

MYRTO.

Adeos!

(Passa junto da mesa da direita e vê no rolo de papyro.)

Curiosa que sou!

CLEON.

São versos.

MYRTO.

Versos teus?

(Lysias apparece ao fundo.)

CLEON.

De Anacreonte, o velho, o amavel, o divino.

MYRTO.

A musa é toda ironia, e o estro é peregrino.

(Abre o papyro e lê.)

« Fez-se Niobe em pedra e Philomela em passaro.

« Assim

« Folgaria eu tambem me transformasse Jupiter

« A mim.

« Quizera ser o espelho em que o teu rosto magico

« Sorri;

« A tunica feliz que sempre se está proxima

« De ti;

« O banho de crystal que esse teu corpo candido

« Contém;

« O aroma de teu uso e d'onde effluvios magicos

« Provêm;

« Depois esse listão que de teu seio turgido

« Faz dous;

« Depois do teu pescoço o rosicler de perolas;

« Depois....

« Depois ao ver-te assim, unica e tão emulas

« Qual és,

« Até quizera ser teu calçado, e pisassem-me

« Teus pés. »

Que magnificos são!

CLEON.

Minha alma assim te falla. •

MYRTO.

Attendendo ao poeta eu pensava escutal-a.

CLEON.

Écho do meu sentir foi o velho amador;
Taes os desejos são do meu profundo amor.
Sim, eu quizera ser tudo isto, — o espelho, o banho,
O calçado, o collar... Desejo acaso estranho,
Louca ambição talvez de poeta exaltado... ;

MYRTO.

Tanto sentes por mim?

SCENA VI.

CLEON, MYRTO, LYSIAS.

LYSIAS (entrando.)

Amor, nunca sonhado.

Se a musa d'elle és tu!

CLEON.

Lysias!

MYRTO.

Ouviste?

LYSIAS.

Ouvi.

Versos que Anacreonte houvera feito a ti,

Se vivesses no tempo em que, pulsando a lyra,
Estas odes compôz que a velha Grecia admira.

(A Cleon.)

Quer fallar-te um sujeito, um Clinias, um collega,
Ex-mercador, como eu.

MYRTO.

Ai, que importuno !

LYSIAS.

Allega

Que não póde esperar, que isto não póde ser,
Que um processo... A final não n'ó pude entender.
Póde ser que comtigo o homem se accommode.
Prometteste talvez compôr-lhe alguma ode ?

CLEON.

Não. Adeos, bella Myrto; espera-me um instante.

MYRTO.

Não tardes !

LYSIAS (á parte.)

Indiscreta !

• CLEON.

Espera.

LYSIAS (á parte.)

Petulante !

SCENA VII.

MYRTO, LYSIAS.

MYRTO.

Sou curiosa. Quem é Clinias, ex-mercador
Amigo d'elle ?

LYSIAS.

Mais do que isso ; é um credor,

MYRTO.

Ah !

LYSIAS.

Que bello rapaz ! que alma fogosa e pura,
Bem digna de aspirar-te um hausto de ventura !
Queira o céo pôr-lhe termo á profunda agonia,
Surja emfim para elle o sol de um novo dia.
Merece-o. Mas vê lá se ha destino peor :
Quer o alado Mercurio obstar o alado Amor.
Com beijos não se paga a pompa do vestido,
O espectaculo e a mesa ; e se o gentil Cupido
Gosta de ouvir canções, o outro não vai com ellas ;
Vale uma drachma só vinte odezinhas bellas.
Um poema não compra um simples borseguim.
Versos ! são bons de ler ; mais nada ; eu penso assim.

MYRTO.

Pensas mal ! A poesia é sempre um dom celeste ;
Quando o genio o possui quem ha que o não requeira?
Hermes, com ser o deos dos graves mercadores,
Tocou lyra tambem.

LYSIAS.

Já sei que estás de amores.

MYRTO.

Que esperança ! Bem vês que eu já não posso amar.

LYSIAS.

Perdeste o coração?

MYRTO.

Sim ; perdi-o no mar.

LYSIAS.

Pesquemo-lo ; talvez essa perola fina
Venha ornar-me a existencia agourada e mofina.

MYRTO.

Mofina?

LYSIAS.

Pois então? Enfarão-me estas bellas
Da terra samiana ; assaz vivi por ellas.
Outras desejo amar, filhas do azul Egeo.
Varia de feições o Amor, como Protheo.

MYRTO.

Seu character melhor foi sempre o ser constante.

LYSIAS.

Serei menos fiel, não sou menos amante.
Cada belleza em si toda a paixão resume.
Pouco me importa a flôr ; importa-me o perfume.

MYRTO.

Mas quem quer o perfume afaga um pouco a flôr ;
Nem fere o objecto amado a mão que implora o Amor.

LYSIAS.

Offendo-te com isto ? Esquece a minha offensa.

MYRTO.

Já esqueci ; passou.

LYSIAS.

Quem falla como pensa

Arrisca-se a perder ou por sobra ou por mingoa.
Eu confesso o meu mal ; não sei tentear a lingua.
Pois que me perdoaste, escuta-me. Tu tens
A graça das feições, o summo bem dos bens ;
Moça, trazes na frente o doce beijo de Hebe ;
Como um philtro de amor que , sem sentir, se bebe,
De teus olhos distilla a eterna juventude ;
De teus olhos que um deos, por lhes dar mais virtude,
Fez azues como o céu, profundos como o mar.
Quem taes dotes reune, ó Myrto, deve amar.

MYRTO.

Fallas como um poeta, e zombas da poesia !

LYSIAS.

Eu, poeta? jámais.

MYRTO.

A tua fantasia

Respirou certamente o ar do monte Hymetto.

Tem a expressão tão doce!

LYSIAS.

É a expressão do affecto.

Sou em cousas de Apollo um simples amador.

A minha grande musa é Venus, mãe de amor.

No mais não aprendi (os fados meus adversos
Vedárão-m'o!) a cantar bons e sentidos versos.

Cleon esse é que sabe acender tantas almas,

Conquistar de um só lance os corações e as palmas.

MYRTO.

Conquistar, oh! que não!

LYSIAS.

Mas agradar?

MYRTO.

Talvez.

LYSIAS.

Isso mesmo; é já muito. O que o poeta fez

Fal-o-hei jámais? Comtudo, inda tental-o quero;

Se não me inspira a musa, alma filha de Homero,

Inspira-me o desejo, a musa que delira,

E o seu canto concerta aos sons da eterna lyra.

MYRTO.

Tambem desejas ser alguma cousa?

LYSIAS.

Não;

Eu caso o meu amor ás regras da razão.
Cleon quizera ser o espelho em que teu rosto
Sorri ; eu bella Myrto, eu tenho melhor gosto.
Ser espelho ! ser banho ! e tunica ! tollice !
Esteril ambição ! loucura ! criancice !
Por Venus ! sei melhor o que a mim me convem.
Homem sisudo e grave outros desejos tem.
Fiz, a este respeito, aprofundado estudo ;
Eu não quero ser nada ; eu quero dar-te tudo.
Escolhe o mais perfeito espelho de aço fino,
A tunica melhor de panno tarentino,
Vasos de oleo, um collar de perolas, — emfim
Quanto enfeita uma dama aceital-o-has de mim.
Brincos que vão ornar-te a orelha graciosa ;
Para os dedos o annel de pedra preciosa ;
A tua frente pede aureo, rico anadema ;
Têl-o-has, divina Myrto. É este o meu poema.

MYRTO.

É lindo !

LYSIAS.

Queres tu, outras strophes mais ?

Dar-t'as-hei quaes as teve a celebrada Lais.
Casa, rico jardim, servas de toda a parte;
E estatuas e paineis, e quantas obras d'arte
Podem servir de ornato ao templo da belleza,
Tudo haverás de mim. Nem gosto nem riqueza
Te ha de faltar, mimosa, e só quero um penhor.
Quero. . . . quero-te-a ti.

MYRTO.

Pois que ! já quer a flôr ,
Quem desdenhando a flôr, só lhe pede o perfume?

LYSIAS.

Esqueceste o perdão ?

MYRTO.

Ficou-me este azedume.

LYSIAS.

Venus póde apagal-o.

MYRTO.

Eu sei ! creio e não creio.

LYSIAS.

Hesitar é ceder : agrada-me o receio.
Em assumpto de amor vontade que fluctua
Está prestes a entregar-se. Entregas-te?

MYRTO.

Sou tua !

SCENA VIII.

LYSIAS, MYRTO, CLEON.

CLEON.

Demorei-me de mais ?

LYSIAS.

Apenas o bastante
Para que fosse ouvido um coração amante.
A Lesbiana é minha.

CLEON.

És d'elle, Myrto !

MYRTO.

Sim ;

Eu ainda hesitava ; elle fallou por mim.

CLEON.

Quantos amores tens, filha do mal ?

LYSIAS.

Presinto

Uma lamentação inutil. « A Corintho
Não vai quem quer, » lá diz aquelle velho adagio.
Navegavas sem leme ; era certo o naufragio.
Não me viste sulcar as mesmas aguas ?

CLEON.

Vi,

Mas contava com ella, e confiava em ti.
Mais duas illusões ! Que importa ? Inda são poucas;
Desfação-se uma a uma estas chimeras loucas.
O' arvore bemdita, ó minha juventude,
Vão-te as flôres cahindo ao vento aspero e rude !
Não vos maldigo, não ; eu não maldigo o mar
Quando a nave sossobra ; o erro é confiar.
Adeos, formosa Myrto ; adeos, Lysias ; não quero
Perturbar vosso amor, eu que já nada espero ;
Eu que vou arrancar as profundas raizes
D'esta paixão funesta ; adeos, sede felizes !

LYSIAS.

Adeos ! Saudemos nós a Venus e a Lyeo.

AMBOS.

Io Pæan ! ó Baccho ! Hymenêo ! Hymenêo !

PALLIDA ELVIRA

(CONTO).

A

FRANCISCO RAMOS PAZ.

PALLIDA ELVIRA

Ulysse, jeté sur les rives d'Ithaque, ne
les reconnaît pas et pleure sa patrie.
Ainsi l'homme dans le bonheur possédé
ne reconnaît pas son rêve et soupire.

DANIEL STERN.

I

Quando, leitora amiga, no occidente
Surge a tarde esmaiada e pensativa;
E entre a verde folhagem rescendente
Languida geme viração lasciva;
E já das tenues sombras do oriente
Vem apontando a noite, e a *casta diva*
Subindo lentamente pelo espaço,
Do céu, da terra observa o estreito abraço;

II

N'essa hora de amor e de tristeza,
Se acaso não amaste e acaso esperas
Ver coroar-te a juvenil belleza
Casto sonho das tuas primaveras ;
Não sentes escapar tua alma acesa
Para voar ás lucidas espheras?
Não sentes n'essa mágoa e n'esse enleio
Vir morrer-te uma lagrima no seio?

III

Sentel-o? Então entenderás Elvira,
Que assentada á janella, erguendo o rosto,
O vôo solta á alma que delira
E mérgulha no azul de um céu de Agosto ;
Entenderás então porque suspira,
Victima já de um intimo desgosto,
A meiga virgem, pallida e calada,
Sonhadora, anciosa e namorada.

IV

Mansão de riso e paz, mansão de amores
Era o valle. Espalhava a natureza,
Com dadivosa mão, palmas e flôres

De agreste aroma e virginal belleza ;
Bosques sombrios de immortaes verdores,
Asylo proprio á inspiração acesa.
Valle de amor, aberto ás almas ternas
N'este valle de lagrimas eternas.

V

A casa, junto á encosta de um outeiro,
Alva pomba entre folhas parecia :
Quando vinha a manhã, o olhar primeiro
Ia beijar-lhe a verde gelosia ;
Mais tarde a fresca sombra de um coqueiro
Do sol quente a janella protegia ;
Pouco distante, abrindo o solo adusto,
Um fio d'agua murmurava a custo.

VI

Era uma joia a alcova em que sonhava
Elvira, alma de amor. Tapete fino
De apurado lavor o chão forrava.
De um lado oval espelho crystallino
Pendia. Ao fundo, á sombra, se occultava
Elegante, engraçado, pequenino
Leito em que, repousando a face bella,
De amor sonhava a pallida donzella.

VII

Não me censure o critico exigente
O ser pallida a moça; é meu costume
Obedecer á lei de toda a gente
Que uma obra compõe de algum volume.
Ora, no nosso caso, é lei vigente
Que um descorado rosto o amor resume.
Não tinha Miss Smolen outras côres;
Não n'as possui quem sonha com amores.

VIII.

Sobre uma mesa havia um livro aberto;
Lamartine, o cantor aereo e vago,
Que enche de amor um coração deserto;
Tinha-o lido; era a pagina do *Lago*.
Amava-o; tinha-o sempre alli bem perto,
Era-lhe o anjo bom, o deos, o orago;
Chorava aos cantos da divina lyra....
É que o grande poeta amava Elvira!

IX

Elvira! o mesmo nome! A moça os lia,
Com lagrimas de amor, os versos santos,
Aquella eterna e languida harmonia

Formada com suspiros e com prantos;
Quando escutava a musa da elegia
Cantar de Elvira os magicos encantos,
Entrava-lhe a voar a alma inquieta,
E co' o amor sonhava de um poeta.

X

Ai, o amor de um poeta! amor subido!
Indelevel, purissimo, exaltado,
Amor eternamente convencido,
Que vai além de um tumulto fechado,
E que, através dos seculos ouvido,
O nome leva do objecto amado,
Que faz de Laura um culto, e tem por sorte
Negra fouce quebrar nas mãos da morte.

XI

Fosse eu moça e bonita... N'este lance
Se o meu leitor é já homem sisudo,
Fecha tranquillamente o meu romance,
Que não serve a recreio nem a estudo;
Não entendendo a força nem o alcance
De semelhante amor, condemna tudo;
Abre um volume serio, farto e enorme,
Algumas folhas lê, boceja... e dorme.

XII

Nada perdes, leitor, nem perdem nada
As esquecidas musas; pouco importa
Que tu, vulgar materia condemnada,
Aches que um tal amor é lettra morta.
Pódes, cedendo á opinião honrada,
Fechar á minha Elvira a esquivá porta.
Almas de prosa chã, quem vos daria
Conhecer todo o amor que ha na poesia?

XIII

Ora, o tio de Elvira, o velho Antero,
Erudito e philosopho profundo,
Que sabia de cór o velho Homero,
E compunha os annaes do Novo Mundo;
Que escrevêra uma vida de Severo,
Obra de grande tomo e de alto fundo;
Que resumia em si a Grecia e Lacio,
E n'um salão fallava como Horacio;

XIV

Disse uma noite á pallida sobrinha :
« Elvira, sonhas tanto! devaneias!
« Que andas a procurar, querida minha?

« Que ambições, que desejos ou que idéas
« Fazem gemer tua alma innocer.tinha?
« De que esperança vã, meu anjo, anceias?
« Teu coração de ardente amor suspira;
« Que tens? — Eu nada, » respondia Elvira.

XV

« Alguma cousa tens! » tornava o tio;
« Porque olhas tu as nùvens do poente,
« Vertendo ás vezes lagrimas a fio,
« Magoada expressão d'alma doente?
« Outras vezes, olhando a agua do rio,
« Deixas correr o espirito indolente,
« Como uma flôr que ao vento alli tombára,
« E a onda murmurando arrebatára. »

XVI

« — *Latet anguis in herba...* » Neste instante
Entrou a tempo o chá... perdão, leitores,
Eu bem sei que é preceito dominante
Não misturar comidas com amores;
Mas eu não vi, nem sei se algum amante
Vive de orvalho ou petalas de flôres;
Namorados estomagos consomem;
Comem Romeos, e Julietas comem.

XVII

Entrou a tempo o chá, e foi servil-o,
Sem responder, a moça interrogada,
C'um ar tão soberano e tão tranquillo
Que o velho emmudeceu. Ceia acabada,
Fez o escriptor o costumado chylo,
Mas um chylo de especie pouco usada,
Que consistia em ler um livro velho ;
N'essa noite acertou ser o Evangelho.

XVIII

Abrira em S. Matheus, n'aquelle passo
Em que o filho de Deos diz que a açucena
Não labora nem fia, e o tempo escasso
Vive, co' o ar e o sol, sem dôr nem pena ;
Leu e estendendo o já tremulo braço
A triste, á melancolica pequena,
Apontou-lhe a passagem da Escriptura
Onde lêra lição tão recta e pura.

XIX

« Vês? diz o velho, escusas de cansar-te ;
« Deixa em paz teu espirito, criança :
« Se existe um coração que deva amar-te,

« Ha de vir; vive só d'essa esperança.
« As venturas do amor um deos reparte;
« Queres têl-as? põe n'elle a confiança.
« Não persigas com supplicas a sorte;
« Tudo se espera; até se espera a morte!

XX

« A doutrina da vida é esta : espera,
« Confia, e colherás a anciada palma;
« Oxalá que eu te apague essa chimera
« Lá diz o bom Demophilo que á alma,
« Como traz a andorinha a primavera,
« A palavra do sabio traz a calma.
« O sabio aqui sou eu. Ris-te, pequena?
« Pois melhor; quero ver-te uma açucena!»

XXI

Falla aquella velho como falla
Sobre côres um cego de nascença.
Pear a juventude ! Condemnal-a
Ao somno da ambição vivaz e intensa !
Cò' as leves azãs da esperança ornal-a
E não querer que rompa a esphera immensa !
Não consentir que esta manhã de amores
Encha com frescas lagrimas as flôres

XXII

Mal o velho acabava e justamente
Na rija porta ouviu-se uma pancada.
Quem seria? Uma serva diligente,
Travando de uma luz, desceu a escada.
Pouco depois rangia brandamente
A chave, e a porta aberta dava entrada
A um rapaz embuçado que trazia
Uma carta, e ao doutor fallar pedia.

XXIII

Entrou na sala, e lento, e gracioso,
Descobriu-se e atirou a capa a um lado;
Era um rosto poetico e viçoso
Por soberbos cabellos coroados;
Grave sem gesto algum pretencioso,
Elegante sem ares de enfeitado;
Nos labios frescos um sorriso amigo,
Os olhos negros e o perfil antigo.

XXIV

Demais, era poeta. Era-o. Trazia
N'aquelle olhar não sei que luz estranha
Que indicava um alumno da poesia,

Um morador da classica montanha,
Um cidadão da terra da harmonia,
Da terra que eu chamei nossa Allemanha,
N'uns versos que hei de dar um dia a lume,
Ou n'alguma gazeta, ou n'um volume.

XXV

Um poeta! e de noite! e de capote!
Que é isso, amigo autor? Leitor amigo.
Imagina que estás n'um camarote
Vendo passar-se em scena um drama antigo.
Sem lança não conheço D. Quixote,
Sem espada é apocrypho um Rodrigo;
Heróe que ás regras classicas escapa,
Póde não ser heróe, mas traz a capa.

XXVI

Heitor (era o seu nome) ao velho entrega
Uma carta lacrada; vem do norte.
Escreve-lhe um philosopho collega
Já quasi a entrar no thalamo da morte.
Recommenda-lhe o filho, e lembra, e allega,
A provada amizade, o esteio forte,
Com que outr'ora, acudindo-lhe nos transes,
Salvou-lhe o nome de terriveis lances.

XXVII

Dizia a carta : « Crime ou virtude,
« É meu filho poeta; e corre fama
« Que já faz honra á nossa juventude
« Co' a viva inspiração de etherea chamma;
« Diz elle que, se o genio não o illude,
« Camões seria se encontrasse um Gama.
« Deos o fade; eu perdôo-lhe tal sestro;
« Guia-lhe os passos, cuida-lhe do estro. »

XXVIII

Lida a carta, o philosopho erudito
Abraça o moço e diz em tom pausado :
« Um sonhador do azul e do infinito!
« É hospede do céu, hospede amado.
« Um bom poeta é hoje quasi um mytho,
« Se o talento que tem é já provado,
« Conte co' o meu exemplo e o meu conselho;
« Boa lição é sempre a voz de um velho. »

XXIX

E trava-lhe da mão, e brandamente
Leva-o junto d'Elvira. A moça estava
Encostada á janella, e a esquiua mente

Pela extensão dos ares lhe vagava.
Voltou-se distrahida, e de repente
Mal nos olhos de Heitor o olhar fitava,
Sentio... Inutil fôra relatal-o;
Julgue-o quem não puder experimental-o.

XXX

O' santa e pura luz do olhar primeiro!
Élo de amor que duas almas liga!
Raio de sol que rompe o nevoeiro
E casa a flôr á flôr! Palavra amiga
Que, trocada um momento passageiro,
Lembrar parece uma existencia antiga!
Lingua, filha do céo, doce eloquencia
Dos melhores momentos da existencia!

XXXI

Entra a leitora n'uma sala cheia;
Vai isenta, vai livre de cuidado:
Na cabeça gentil nenhuma idéa,
Nenhum amor no coração fechado.
Livre como a andorinha que volteia
E corre loucamente o ar azulado.
Venhão dous olhos, dous, que a alma buscava...
Era senhora? ficará escrava!

XXXII

C'um só olhar escravos elle e ella
Já lhes pulsa mais forte o sangue e a vida ;
Rapida corre aquella noite, aquella
Para as castas venturas escolhida ;
Assoma já nos labios da donzella
Lampejo de alegria esvaecida.
Foi milagre de amor, prodigio santo.
Quem mais fizera ? Quem fizera tanto ?

XXXIII

Preparára-se ao moço um aposento.
Oh ! reverso da antiga desventura !
Têl-o perto de si ! viver do alento
De um poeta, alma languida, alma pura !
Dá-lhe, ó fonte do casto sentimento,
Aguas santas, baptismo de ventura !
Emquanto o velho, amigo de outra fonte,
Vai mergulhar-se em pleno Xenophonte.

XXXIV

Devo agora contar, dia por dia,
O romance dos dous ? Inutil fôra ;
A historia é sempre a mesma ; não varia

A paixão de um rapaz e uma senhora.
Vivem ambos do olhar que se extasia
E conversa co'a alma sonhadora ;
Na mesma luz de amor os dous se inflammão ;
Ou, como diz Philinto : « Amados, amão. »

XXXV

Todavia a leitora curiosa
Talvez queira saber de um incidente ;
A confissão dos dous ; — scena espinhosa
Quando a paixão domina a alma que sente.
Em regra, confissão franca e verbosa
Revela um coração independente ;
A paz interior tudo confia ,
Mas o amor, esse hesita e balbucia.

XXXVI

O amor faz monosyllabos ; não gasta
O tempo com analyses compridas ;
Nem é proprio de boca amante e casta
Um chuveiro de phrases estendidas ;
Um volver d'olhos languido nos basta
Por conhecer as chammas comprimidas ;
Coração que discorre e faz estylo ,
Tem as chaves por dentro e está tranquillo.

XXXVII

Deu-se o caso uma tarde em que chovia ,
Os dous estavam na varanda aberta.
A chuva peneirava, e além cobria
Cinzento véo o occaso ; a tarde incerta
Já nos braços a noite a recebia,
Como amorosa mãe que a filha aperta
Por enxugar-lhe os prantos magoados.
Stavão ambos immoveis e calados.

XXXVIII

Juntos, ao parapeito da varanda ,
Vião cair da chuva as gottas finas,
Sentindo a viração fria , mas branda ,
Que balançava as frouxas casuarinas.
Raras, ao longe, de uma e de outra banda ,
Pelas do céo tristissimas campinas ,
Vião correr da tempestade as aves
Negras , serenas, lugubres e graves.

XXXIX

De quando em quando vinha uma rajada
Borrifar e agitar a Elvira as tranças,
Como se fôra a briza perfumada

Que á palmeira sacode as tenues franças.
A fronte gentilissima e engraçada
Sacudia co'a chuva as más lembranças;
E ao passo que chorava a tarde escura
Ria-se n'ella a aurora da ventura.

XL

« Que triste a tarde vai ! que véo de morte
« Cobrir parece a terra ! (o moço exclama).
« Reprodução fiel da minha sorte,
« Sombra e choro. — Porque? pergunta a dama;
« Diz que teve dos céos uma alma forte...
« — É forte o bronze e não resiste á chamma;
« Leu versos meus em que zombei do fado?
« Illusões de poeta mallogrado ! »

XLI

« Somos todos assim. É nossa gloria
« Contra o destino oppôr alma de ferro;
« Desafiar o mal , eis nossa historia ,
« E o tremendo duello é sempre um erro.
« Custa-nos caro uma fallaz victoria
« Que nem consola as mágoas do desterro,
« O desterro, — esta vida obscura e rude
« Que a dôr enfeita e as victimas illude.

XLII

« Contra esse mal tremendo que devora
« A seiva toda á nossa mocidade ,
« Que remedio haveriamos, senhora ,
« Senão versos de affronta e liberdade ?
« No emtanto , bastaria acaso um' hora ,
« Uma só, mas de amor, mas de piedade,
« Para trocar por seculos de vida
« Estes de dôr acerba e envelhecida. »

XLIII

Al não disse, e, fitando olhos ardentes
Na moça, que de enleio enrubecia,
Com discursos mais fortes e eloquentes
Na exposição do caso proseguia;
A pouco e pouco as mãos intelligentes
Travárão-se; e não sei se conviria
Accrescentar que um osculo... Risquemos,
Não é bom mencionar estes extremos.

XLIV

Duas sombrias nuvens afastando,
Tenue raio de sol rompêra os ares,
E, no amoroso grupo desmaiando,

Testemunhou-lhe as nupcias singulares.
A nesga azul do occaso contemplando,
Sentirão ambos irem-lhe os pezares,
Como nocturnas aves agoureiras
Que á lua fogem medrosas e ligeiras.

XLV

Tinha mágoas o moço? A causa d'ellas?
Nenhuma causa; fantasia apenás;
O eterno devanear das almas bellas,
Quando as dominão fervidas Camenas;
Uma ambição de conquistar estrellas,
Como se colhem lucidas phalenas;
Um desejo de entrar na eterna lida,
Um querer mais do que nos cede a vida.

XLVI

Com amores sonhava, ideal formado
De celestes e eternos esplendores,
A ternura de um anjo destinado
A encher-lhe a vida de perpetuas flôres.
Tinha-o emfim, qual fôra antes creado
Nos seus dias de mágoas e amargores;
Madrugavão-lhe n'alma a luz e o riso;
Estava á porta emfim do paraíso.

XLVII

N'essa noite, o poeta namorado
Não conseguiu dormir. A alma fugira
Para ir velar o doce objecto amado,
Por quem, nas ancias da paixão, suspira;
E é provavel que, achando o exemplo dado,
Ao pé de Heitor viesse a alma de Elviva;
De maneira que os dous, de si ausentes,
Lá se achavão mais vivos e presentes.

XLVIII

Ao romper da manhã, co' o sol ardente,
Briza fresca, entre as folhas sussurrando,
O não-dormido vate acorda, e a mente
Lhe foi dos vagos sonhos arrancando.
Heitor contempla o valle resplendente,
A flôr abrindo, o passaro cantando;
E a terra que entre risos acordava,
Ao sol do estio as roupas enxugava.

XLIX

Tudo então lhe sorria. A natureza,
As musas, o futuro, o amor e a vida;
Quanto sonhára aquella mente acesa

Dera-lhe a sorte, emfim, compadecida.
Um paraiso, uma gentil belleza,
E a ternura castissima e vencida
De um coração creado para amores,
Que exhala affectos como aroma as flôres.

L

E ella? Se cohereceste em tua vida,
Leitora, o mal do amor, delirio santo,
Dor que eleva e conforta a alma abatida,
Embriaguez do ceo, divino encanto,
Se a tua face ardente e enrubecida
Pallejou com suspiros e com prantos,
Se ardeste emfim, naquella intensa chamma,
Entenderás o amor de ingenua dama.

LI.

Repara que eu não fallo desse enleio
De uma noite de baile ou de palestra;
Amor que mal agita a flor do seio,
E ao chá termina e acaba com a orchestra;
Não me refiro ao simples galanteio
Em que cada menina é velha mestra,
Averso ao sacrificio, á dor e ao choro;
Fallo do amor, não fallo do namoro.

LII

Eden de amor, ó solidão fechada;
Casto asylo a que o sol dos novos dias
Vai mandar, como a furto, a luz coada
Pelas frestas das verdes gelosias,
Guarda-os ambos; conserva-os recatada.
Almas feitas de amor e de harmonias,
Tecei, tecei as vividas capellas,
Deixai correr sem susto as horas bellas.

LIII

Cá fóra o mundo insipido e profano
Não dá, nem póde dar o enleio puro
Das almas novas, nem o doce engano
Com que se esquecem males do futuro.
Não busqueis penetrar n'este oceano
Em que se agita o temporal escuro.
Por fugir ao naufragio e ao soffrimento,
Tendes uma enseada, — o casamento.

LIV

Resumamos, leitora, a narrativa.
Tanta strophe a cantar ethereas chammas
Pede compensação, musa insensiva,

Que fatigais sem pena o ouvido ás damas.
Demais, é regra certa e positiva
Que muitas vezes as maiores famas
Perde-as uma ambição de tagarella;
Musa, aprende a lição; musa, cautela!

LV

Mezes depois da scena relatada
Nas strophes, a folhas, — o poeta
Ouvio do velho Antero uma estudada
Oração Ciceronica e selecta;
A conclusão da arenga preparada
Era mais agradável que discreta.
Dizia o velho erguendo olhos serenos :
« Pois que se adorão, casem-se, pequenos! »

LVI

Lagrima santa, lagrima de gosto
Vertem olhos de Elvira; e um riso aberto
Veio inundar-lhe de prazer o rosto
Como uma flôr que abrisse no deserto.
Se ião já longe as sombras do desgosto;
Inda até li era o futuro incerto;
Fez-lh'o certo o ancião; e a moça grata
Beija a mão que o futuro lhe resgata.

LVII

Correm-se banhos, tirão-se dispensas,
Vai-se buscar um padre ao povoado ;
Prepara-se o enxoval e outras pertenças
Necessarias agora ao novo estado.
Notão-se até algumas differenças
No modo de viver do velho honrado,
Que sacrifica á noiva e aos deoses lares
Um estudo dos classicos jantares.

LVIII

« Onde vás tu? — A' serra ! — Vou contigo.
« — Não, não venhas, meu anjo, é longa a estrada.
« Se cansares? — Sou leve, meu amigo ;
« Descerei nos teus hombros carregada.
« — Vou compôr encostado ao cedro antigo
« Canto de nupcias. — Seguirei calada ;
« Junto de ti, ter-me-has mais em lembrança ;
« Musa serei sem perturbar. — Criança ! »

LIX

Brandamente repelle Heitor a Elvira ;
A moça fica ; o poeta lentamente
Sobe a montanha. A noiva repetira

O primeiro pedido inutilmente.
Olha-o de longe, e tímida suspira.
Vinha a tarde cahindo frouxamente,
Não triste, mas risonha e fresca e bella,
Como a vida da pallida donzella.

LX

Chegando, enfim, á c'róa da collina,
Virão olhos de Heitor o mar ao largo,
E o sol, que despe a veste purpurina,
Para dormir no eterno leito amargo.
Surge das aguas pallida e divina,
Essa que tem por deleitoso encargo
Velar amantes, proteger amores,
Lua, musa dos candidos palores.

LXI

Respira Heitor; é livre. O casamento?
Foi sonho que passou, fugaz idéa
Que não pôde durar mais que um momento.
Outra ambição a alma lhe incendeia.
Dissipada a illusão, o pensamento
Novo quadro a seus olhos patenteia,
Não lhe basta aés desejos de sua alma
A enseada da vida estreita e calma.

LXII

Aspira ao largo; pulsão-lhe no peito
Uns impetos de vida; outro horizonte,
Tumidas vagas, temporal desfeito,
Quer com elles lutar frente por frente.
Deixa o tranquillo amor, casto e perfeito,
Pelos brodios de Venus de Amathonte;
A existencia entre flôres esquecida
Pelos rumores de mais ampla vida.

LXIII

Nas mãos da noite desmaiára a tarde;
Descem ao valle as sombras vergonhosas;
Noite que o céo, por mofa ou por alarde,
Torna propicia ás almas venturosas.
O derradeiro olhar frio e covarde
E umas não sei que strophes lamentosas
Solta o poeta, emquanto a triste Elvira,
Viuva antes de noiva, em vão suspira!

LXIV

Transpõe o mar Heitor, transpõe montanhas;
Tu, curiosidade, o ingrato levas
A ir ver o sol das regiões estranhas.

A ir ver o amor das peregrinas Evas.
Vai, em troco de palmas e façanhas,
Viver na morte, bracejar nas trevas ;
Faser do amor, que é livro aos homens dado,
Copioso almanach namorado.

LXV

Inscribe n'elle a moça de Sevilha,
Longas festas e noites hespanholas,
A indiscreta e diabolica mantilha
Que a fronte cinge a amantes e a carolas.
Quantos encontra corações perfilha,
Faz da bolsa e do amor largas esmolas ;
Esquece o antigo amor e a antiga musa
Entre os beijos da lepida Andaluza.

LXVI

Canta no seio turgido e macio
Da ferosa, indolente Italiana,
E dorme junto ao laranjal sombrio
Ao som de uma canção napolitana.
Dão-lhe para os serões do ardente estio,
Asti, os vinhos; mulheres, a Toscana.
Roma adora, embriaga-se em Veneza,
E ama a arte nos braços da belleza.

LXVII

Vê Londres, vê Paris, terra das ceias,
Feira do amor a toda a bolsa aberta;
No mesmo laço, as bellas como as feias,
Por capricho ou razão, iguaes aperta;
A idade não pergunta ás taças cheias,
Só pede o vinho que o prazer desperta;
Adora as outoniças, como as novas,
Torna-se heróe de rua e heróe de alcovas.

LXVIII

Versos quando os compõe, celebrão antes
O alegre vicio que a virtude austera;
Canta os beijos e as noites delirantes,
O esteril gozo que a volupia gera;
Troca a illusão que o seduzia d'antes
Por maior e tristissima chimera;
Ave do céo, entre os osculos creada,
Espalha as plumas brancas pela estrada.

LXIX

Um dia, emfim, cansado e aborrecido,
Acorda Heitor; e olhando em roda e ao largo,
Vê um deserto, e do prazer perdido

Resta-lhe unicamente o gosto amargo;
Não achou o ideal appetecido
No longo e profundissimo lethargo;
A vida exhausta em feitos e esplendores,
Se alguma tinha, erão já murchas flôres.

LXX

Ora, uma noite, costeando o Rheno,
Ao luar melancolico, — buscava
Aquelle gozo simples, doce, ameno,
Que á vida toda outr'ora lhe bastava;
Voz remota, cortando o ar sereno,
Em derredor os échos acordava;
Voz aldeã que o largo espaço enchia,
E uma canção de Schiller repetia.

LXXI

« A gloria ! diz Heitor, a gloria é vida !
Porque busquei nos gozos de outra sorte
Esta felicidade appetecida,
Esta resurreição que annulla a morte?
O' illusão fantastica e perdida !
O' mal gasto, ardentissimo transporte !
Musa, restaura as apagadas tintas !
Revivei, revivei, chammas extinctas ! »

LXXII

A gloria ? Tarde vens, pobre exilado !
A gloria pede as illusões viçosas,
Estro em flôr, coração electrizado,
Mãos que possão colher ethereas rosas ;
Mas tu, filho do ocio e do peccado,
Tu que perdeste as forças portentosas
Na agitação que os animos abate,
Queres colher a palma do combate ?

LXXIII

Chamas em vão as musas ; deslembadas,
Á tua voz os seus ouvidos cerrão ;
E nas paginas virgens, preparadas,
Pobre poeta, em vão teus olhos errão ;
Nega-se a inspiração ; nas despregadas
Cordas da velha lyra, os sons que encerrão
Inertes dormem ; teus cansados dedos
Correm debalde ; esquecem-lhe os segredos.

LXXIV

Ah ! se a taça do amor e dos prazeres
Já não guarda licor que te embriague ;
Se nem musas nem languidas mulheres

Têm coração que o teu desejo apague;
Busca a sciencia, estuda a lei dos seres,
Que a mão divina a tua dôr esmague;
Entra em ti, vê o que és, observa em roda,
Escuta e palpa a natureza toda.

LXXV

Livros compra, um philosopho procura;
Revolve a criação, prescruta a vida;
Vê se espancas a longa noite escura
Em que a esteril razão andou mettida;
Talvez aches a palma da ventura
No campo das sciencias escondida.
Que a tua mente as illusões esqueça:
Se o coração morreu, vive a cabeça!

LXXVI

Ora, por não brigar co'os meus leitores,
Dos quaes, conforme a curta ou longa vista,
Uns pertencem aos grupos novadores,
Da fria communhão materialista;
Outros, seguindo exemplos dos melhores,
Defendem a theoria idealista;
Outros, emfim, fugindo armas extremas,
Vão curando por ambos os systemas.

LXXVII

Direi que o nosso Heitor, após o estudo
Da natureza e suas harmonias,
(Oppondo a consciencia um forte escudo
Contra divagações e fantasias);
Depois de ter aprofundado tudo,
Planta, homem, estrellas, noites, dias,
Achou esta lição inesperada :
Veio a saber que não sabia nada.

LXXVIII

« Nada ! exclama um philosopho amarello
Pelas longas vigalias, afastando
Um livro que ha de ver um dia ao prelo
E em cujas folhas ia trabalhando.
Pois eu, doutor de borla e de capello,
Eu que passo os meus dias estudando,
Hei de ler o que escreve penna ousada,
Que a sciencia da vida acaba em nada ? »

LXXIX

Aqui convinha intercalar com geito,
Sem pretensão, nem pompa nem barulho,
Uma arrancada apostrophe do peio

Contra as vãs pretensões do nosso orgulho ;
Conviria mostrar em todo o effeito
Essa que és dos espiritos entulho,
Sciencia vã, de magnas leis tão rica,
Que ignora tudo, e tudo ao mundo explica.

LXXX

Mas, urgindo acabar este romance,
Deixo em paz o philosopho, e procuro
Dizer do vate o doloroso trance
Quando se achou mais pecco e mais escuro.
Valêra bem n'aquelle triste lance
Um sorriso do céo placido e puro,
Raio do sol eterno da verdade,
Que a vida aquece e alenta a humanidade.

LXXXI

Que ! nem ao menos na sciencia havia
Fonte que a eterna sêde lhe matasse?
Nem no amor, nem no seio da poesia
Podia nunca repousar a face?
Atrás d'esse fantasma correria
Sem que jámais as fórmias lhe palpasse?
Seria acaso a sua ingrata sorte
A ventura encontrar nas mãos da morte?

LXXXII

A morte ! Heitor pensára alguns momentos
N'essa sombria porta aberta á vida ;
Pallido archanjo dos finaes alentos
De alma que o céo deixou desilludida ;
Mão que, fechando os olhos somnolentos,
Põe o termo fatal á humana lida ;
Templo de gloria ou região do medo,
Morte, quem te arrancára o teu segredo ?

LXXXIII

Vasio, inutil, ermo de esperanças
Heitor buscava a noiva ignota e fria,
Que o envolvesse então nas longas tranças
E o conduzisse á camara sombria,
Quando, em meio de pallidas lembranças,
Surgio-lhe a idéa de um remoto dia,
Em que cingindo a candida capella
Estava a pertencer-lhe uma donzella.

LXXXIV

Elvira ! o casto amor ! a esposa amante !
Rosa de uma estação, deixada ao vento !
Riso dos céos ! estrella rutilante

Esquecida no azul do firmamento !
Ideal, meteoro de um instante !
Gloria da vida, luz do pensamento !
A gentil, a formosa realidade !
Unica dita e unica verdade !

LXXXV

Ah ! porque não ficou calmo e tranquillo
Da ingenua moça nos divinos braços ?
Porque fugira ao casto e alegre asylo ?
Porque rompêra os mal formados laços ?
Quem pudera jámais restituil-o
Aos estreitos, fortissimos abraços
Com que Elvira apertava enternecida
Esse que lhe era o amor, a alma e a vida ?

LXXXVI

Será tempo ? Quem sabe ? Heitor hesita ;
Tardio pejo lhe enrubece a face ;
Punge o remorso ; o coração palpita
Como se vida nova o reanimasse ;
Tenue fogo, entre a cinza, arde e se agita...
Ah ! se o passado alli resuscitasse
Revivirão illusões viçosas,
E a gasta vida rebentára em rosas !

LXXXVII

Resolve Heitor voltar ao valle amigo,
Onde ficára a noiva abandonada.
Transpõe o lar, affronta-lhe o perigo,
E chega emfim á terra desejada.
Sobe o monte, contempla o cedro antigo,
Sente abrir-se-lhe n'alma a flôr murchada
Das illusões que um dia concebêra;
Rosa extincta da sua primavera!

LXXXVIII

Era a hora em que os serros-do oriente
Formar parecem luminosas urnas;
E abre o sol a pupilla resplendente
Que ás folhas sorve as lagrimas nocturnas;
Frouxa briza amorosa e diligente
Vai acordando as sombras taciturnas;
Surge nos braços d'essa aurora estiva
A alegre natureza rediviva.

LXXXIX

Campa era o mar; o valle estreito berço;
De um lado a morte, do outro lado a vida,
Canto do céo, resumo do universo,

Ninho para aquecer a ave abatida.
Inda nas sombras todo o valle immerso,
Não acordára á costumada lida;
Repousava no placido abandono
Da paz tranquilla e do tranquillo somno.

XC

Alto já ia o sol, quando descêra
Heitor a opposta face da montanha;
Nada do que deixou desaparecêra;
O mesmo rio as mesmas hervas banha.
A casa, como então, garrida e austera,
Do sol nascente a viva luz apanha;
Iguaes flôres, nas plantas renascidas...
Tudo alli falla de perpetuas vidas!

XCI

Desce o poeta cauteloso e lento.
Olha de longe; um vulto ao sol erguia
A veneranda fronte, monumento
De grave e celestial melancolia.
Como sulco de um fundo pensamento
Larga ruga na testa abrir se via,
Era a ruina talvez de uma esperança...
Nos braços tinha uma gentil criança.

XCH

Ria a criança; o velho contemplava
Aquella flôr que ás auras matutinas
O perfumoso calix desbrochava
E entrava a abrir as petalas divinas.
Triste sorriso o rosto lhe animava,
Como um raio de lua entre ruinas.
Alegria infantil, tristeza austera,
O inverno torvo, a alegre primavera!

XCIH

Desce o poeta, desce, e preso, e fito
Nos bellos olhos do gentil infante,
Treme, comprime o peito... e após um grito
Corre alegre, exaltado e delirante,
Ah! se jámais as vozes do infinito
Podem sahir de um coração amante,
Teve-as aquelle... Lagrimas sentidas
Lhe inundarão as faces resequidas!

XCIV

« Meu filho! » exclama, e subito parando
Ante o grupo ajoelha o libertino;
Geme, soluça, em lagrimas beijando

As mãos do velho e as tranças do menino.
Ergue-se Antero, e frio e venerando,
Olhos no céu, exclama : « Que destino!
Murchar-lhe, viva, a rosa da ventura ;
Morta, insultar-lhe a paz da sepultura ! »

XCV

« Morta! — Sim! — Ah! senhor! se arrependido
Posso alcançar perdão, se com meus prantos,
Posso apiedar-lhe o coração ferido
Por tanta mágoa e longos desencantos ;
Se este infante, entre lagrimas nascido,
Póde influir-me os seus affectos santos...
É meu filho, não é? perdão lhe imploro!
Veja, senhor! eu soffro, eu creio, eu choro ! »

XCVI

Olha-o com frio orgulho o velho honrado ;
Depois, fugindo aquella scena estranha,
Entra em casa. O poeta, acabrunhado,
Sobe outra vez a encosta da montanha ;
Ao cimo chega, e desce o opposto lado
Que a vaga azul entre soluços banha.
Como fria ironia a tantas mágoas,
Batia o sol de chapa sobre as aguas.

XCVII

Pouco tempo depois ouviu-se um grito,
Som de um corpo nas aguas resvalado;
Á flôr das vagas veio um corpo afflicto...
Depois... o sol tranquillo e o mar calado.
Depois... Aqui termina o manuscripto,
Que me legou antigo deputado,
Homem de alma de ferro, e olhar sinistro,
Que morreu velho e nunca foi ministro.

FIM.

NOTAS.

LA MARCHESA DE MIRAMAR.

(Pag. 21.)

Conta um biographo do archiduque Maximiliano que este infeliz principe, quando estava em Miramar, costumava retratar photographicamente a archiduqueza, escrevendo por baixo do retrato : « *La marchesa de Miramar.* »

FLOR DA MOCIDADE.

(Pag. 43.)

Os poetas classicos francezes usavão muito esta fórma a que chamavão *triolet*. Depois do longo desuso, alguns poe-

tas d'este seculo resuscitarão o *triolet*, não desmerecendo dos antigos modelos. Não me consta que se haja tentado empregar-a em portuguez, nem talvez seja cousa que mereça trasladação. A fórma entretanto é graciosa e não encontra difficuldade na nossa lingua, creio eu.

MENINA E MOÇA.

(Pag. 49.)

A estes versos respondeu o meu talentoso amigo Ernesto Cybrão com a seguinte poesia ; vale a pena escrever de *meninas e moças*, quando ellas produzem estas *flôres e fructos* :

FLÔR E FRUCTO.

A antithese é mair do que pensaste, amigo.

.
Está n'aquella idade em que se busca o abrigo
Do berço contra o sol, do mundo contra o lar ;
Ante-manhã da vida, hora crepuscular,
Que traz dormente a moça e desperta a menina :
Esta brinca no céo, incarnação divina,
Aquella sonha e crê... quantos sonhos de amor !
São uma e outra a mesma : o fructo sahe da flôr.

Era a flôr perfumosa e bella e delicada,
A seducção da briza, o amor da madrugada ;

Mas nasce o fructo amargo, e traz veneno em si...
Aqui morre a menina e nasce a moça ; aqui
Cede a criança-luz o passo á mulher-fogo;
E vai-se o cherubim, surge o demonio ; e logo
Da terra faz escrava e quer pisa-a aos pés.
Insurjo-me : serei vassallo máo talvez,
Serei ; e ao triste exilio o coração condemno.
Peço a menina-flór, dão-me a mulher-veneno ;
Prefiro o meu deserto, a minha solidão :
Ella tem o futuro, e eu tenho o coração.

Bem sabes tu que adoro as louras criancinhas,
E levo a adoração no extasi. Adivinhas
Que encontro na criança um perfume dos céos ;
E n'ella admiro a um tempo a natureza e Deos.
Pois, quando cinjo ao collo uma menina, e penso
Que inda ha de ser mulher, sinto desgosto immenso ;
Porque póde ser boa, e victima será,
E, para ser ditosa, ha de talvez ser má...

De mim dirás com pena : « Oh ! coração vasio !
Cinza que foste luz ! lama que foste rio ! »

.
Olha, amigo, a mulher é um idolo. Tens fé ?
Ajoelha e sê feliz ; eu contemplo-a de pé.

Cede a MENINA E MOÇA á lei commum : divina
E bella e encantadora enquanto a vês menina ;
Moça, transmuda a face e toma um ar cruel :
Desapparece o archanjo e mostra-se Lusbel.
Amo-a quando é criança, adoro-a quando brinca ;
Mas, quando pensativa o rubro labio trinca ,
E os olhos enlanguedece, e perde a rosea côr,
Temo que o fructo-fel surja d'aquella flór.



OS DEUSES DA GRECIA.

(Pag. 65.)

Não sei allemão ; traduzi estes versos pela traducção em prosa franceza de um dos mais conceituados interpretes da lingua de Schiller.

UN VIEUX PAYS.

(Pag. 101.)

Perdoem-me estes versos em francez; e para que de todo em todo não fique a pagina perdida aqui lhes dou a traducção que fez dos meus versos o talentoso poeta maranhense Joaquim Serra :

É um velho paiz, de luz e sombras,
Onde o dia traz pranto, e a noite a scisma ;
Um paiz de orações e de blasphemia,
N'elle a crença na duvida se abysma.

Ahi mal narce a flôr o verme a corta,
O mar é um escarcéo, e o sol sombrio ;
Se a ventura n'um sonho transparece
A suffoca em seus braços o fastio.

Quando o amor, qual sphyngue indecifavel,
Ahi vai a bramir, perdido o sizo...
Às vezes ri alegre, e outras vezes
É um triste soluço esse sorriso...

Vive-se n'esse e paiz com a mágoa e o riso ;
Quem d'elle se ausentou treme e maldiz ;
Mas ai, eu n'elle passo a mocidade,
Pois é meu coração esse paiz !

LYRA CHINEZA.

(Pag. 111.)

Os poetas imitados n'esta collecção são todos contemporaneos. Encontrei-os no livro publicado em 1868 pela Sra. Judith Walter, distincta viajante que dizem conhecer profundamente a lingua chinesa, e que traduzio em simples e corrente prosa.

FEZ-SE NIOBE EM PEDRA , ETC.

(Pag. 155.)

É do Sr. Antonio Feliciano de Castilho a traducção d'esta

odezinha, que deu lugar á composição do meu quadro. Foi immediatamente á leitura da *Lyrica de Anãcreonte*, do immortal autor dos *Ciumes do Bardo*, que eu tive a idéa de pôr em acção a ode do poeta de Teos, tão portuguezmente sahida das mãos do Sr. Castilho que mais parece original que traducção. A concha não vale a perola ; mas o delicado da perola disfarçará o grosseiro da concha.

FIM DAS NOTAS.

ERRATAS

	ERROS	EMENDAS
Pag.	22— <i>Fuscus.</i>	<i>Frescas.</i>
»	23— <i>par.</i>	<i>paz.</i>
»	54— <i>eu teus nireos</i>	<i>nos teus nireos.</i>
»	66— <i>Orcades</i>	<i>Oreades.</i>
»	70— <i>poeira</i>	<i>mus is.</i>
»	80— <i>Phruqia</i>	<i>Phrighia.</i>
»	94— <i>dar-lhe.</i>	<i>dar.</i>
»	138— <i>tu rás</i>	<i>te rás</i>
»	146— <i>a mim coube</i>	<i>a mim coube-me.</i>
»	154— <i>ironia</i>	<i>ionia.</i>
»	182— <i>Dizia a carta.</i>	<i>Dizia a carta meis.</i>
»	189— <i>luz.</i>	<i>luz.</i>
»	198— <i>os osculos.</i>	<i>osculos.</i>
»	199— <i>feitos</i>	<i>festas.</i>

Na pagina 143, depois do verso :

« Que ardem sem consumir na pyra dos desejos. »

acrescente-se este :

« Assim é que eu estimo as amphoras eos beijos »

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).